



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
MESTRADO PROFISSIONAL EM LINGUÍSTICA E ENSINO

**Vozes que não podem ser silenciadas: propostas didáticas sobre práticas
e estratégias de leitura com autores afro-brasileiros**

Mestranda: Tuanny Bastos Ventura

Orientadora: Prof^a. Dra. Josete Marinho de Lucena

João Pessoa - PB
2023

TUANNY BASTOS VENTURA

**Vozes que não podem ser silenciadas: propostas didáticas sobre práticas
e estratégias de leitura com autores afro-brasileiros**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Linguística e Ensino da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), como requisito para obtenção do grau de Mestre em Linguística e Ensino. Área de Concentração: Linguística e Ensino.

Linha de pesquisa: Teoria Linguística e Métodos.

Orientadora: Profa. Dra Josete Marinho de Lucena

João Pessoa - PB

2023

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

V468v Ventura, Tuanny Bastos.

Vozes que não podem ser silenciadas : propostas didáticas sobre práticas e estratégias de leitura com autores afro-brasileiros / Tuanny Bastos Ventura. - João Pessoa, 2023.

95 f. : il.

Orientação: Josete Marinho de Lucena.

Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCHLA.

1. Leitura. 2. Literatura afro-brasileira. 3. Estratégias de leitura. 4. Círculo de leitura. 5. Autores afro-brasileiros. I. Lucena, Josete Marinho de. II. Título.

UFPB/BC

CDU 028 (043)

BANCA EXAMINADORA



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA – UFPB
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES – CCHLA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA E ENSINO - PGLE



ATA DE EXAME DE DEFESA

TUANNY BASTOS VENTURA

Aos vinte e nove dias do mês de janeiro de dois mil e vinte quatro (29/01/2024), às 14h30, realizou-se o exame de defesa da mestranda TUANNY BASTOS VENTURA, do Mestrado Profissional em Linguística e Ensino (PGLE/UFPB), que apresentou o trabalho intitulado “*VOZES QUE NÃO PODEM SER SILENCIADAS: PROPOSTAS DIDÁTICAS SOBRE PRÁTICAS E ESTRATÉGIAS DE LEITURA COM AUTORES AFRO-BRASILEIROS*”. A Banca Examinadora, constituída pela Profa. Dra. Josete Marinho de Lucena (PGLE/UFPB) – orientadora, pela Profa. Dra. Eliana Vasconcelos da Silva Esrael (PGLE/UFPB) e pela Profa. Dra. Edilma de Lucena Catanduba (UEPB), apresentou o seguinte parecer:

Aprovada (X)

Reprovada ()

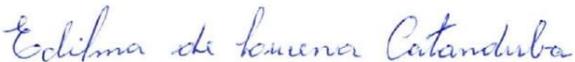
Observações sobre o exame:

O trabalho foi considerado excelente. A pesquisa atende aos requisitos do programa e contribui com o estado da arte. Necessita de alguns ajustes conforme orientações da banca, bem como de uma revisão para entrega final

A presente ata foi lavrada e assinada pela presidente da Banca Examinadora, juntamente com os demais membros desta.

João Pessoa, 29 de janeiro de 2024.

(Presidente da Banca Examinadora)  Documento assinado digitalmente
JOSETE MARINHO DE LUCENA
Data: 05/02/2024 15:51:54-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

(Examinadora) 

 Documento assinado digitalmente
ELIANA VASCONCELOS DA SILVA ESRAEL
Data: 15/04/2024 09:52:41-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

JOÃO PESSOA – PB

2023

Dedico esta dissertação aos meus pais,
Gizelda Bastos e Ailton Ventura,
e à minha avó, dona Elza.
Vocês são tudo na minha vida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por ter realizado o meu sonho de ingressar em uma Universidade Federal no curso de Letras Português e por ter me abençoado em mais uma vitória, que foi a aprovação para ser aluna do Mestrado Profissional em Linguística e Ensino- MPLE na UFPB. Foi um caminho muito longo, mas não consigo deixar de agradecer a Ele por ter permitido que eu terminasse este trabalho mesmo diante de tantas crises de ansiedade. Ele sempre esteve comigo e nunca me deixou sozinha.

Agradeço aos meus pais, Gizelda e Ailton, que são a minha base em TUDO. Sem eles, e sem todo o esforço que sempre fizeram pela minha educação e da minha irmã, eu não teria conseguido chegar tão longe. Se eu tenho oportunidade de chegar até aqui, em um mestrado, é porque eles sempre acreditaram e investiram em mim e nos meus sonhos. Obrigada por tudo.

Agradeço à minha avó Elza, por ser uma das minhas maiores inspirações. Sempre que eu pensei em desistir, pensei na senhora e no quanto é forte. A senhora é luz na minha vida.

Ao meu noivo, Lucas, por tudo o que fez por mim durante todo este processo. Nunca serei capaz de descrever e nunca vou cansar de lhe agradecer. Só Deus e eu sabemos o quanto você foi essencial em todas as dificuldades e também, como foi importante tê-lo ao meu lado para vibrar cada conquista. Te amo!

À minha irmã Rayssa, por ser minha parceira e por ter me apoiado com palavras que me deram força e confiança. Saiba que tenho muito orgulho da mulher que você está se tornando. E ao meu cunhado, Douglas, por toda a torcida e por todos os conselhos que me deu quando eu estava aperreada com o trabalho.

À professora, Dra Josete Lucena, minha orientadora, por ter sido tão paciente comigo nas diversas vezes que eu atrasei o prazo e por toda a troca de conhecimentos que tivemos. Desde a minha graduação em Letras que aprendo com a senhora em conhecimento e principalmente, na gentileza e empatia com o próximo.

Aos meus amigos, Maria Luiza, Rossana, Andreza e Alexsandro que são o maior presente que a graduação de Letras me deu e por nunca deixarem de acreditarem em mim.

Falando em presente, não posso deixar de mencionar sobre Julieta Vilar, Samara Cornélio e Joseclécia Martins, por toda a parceria e ajuda durante os dois anos de

Mestrado. Sou grata por todas as madrugadas nas quais fizemos os trabalhos acadêmicos. Sempre me diverti muito.

À minha querida trupe, Natália, Luiza, Thyalli e Valesca, por toda a energia positiva e por todas as mensagens encorajadoras. E principalmente, pela paciência que tiveram com a minha ausência por conta dos estudos. Amo vocês.

E a todos os outros que me deram força nesse momento. Obrigada por tudo.

Agradeço a todos que contribuíram diretamente e indiretamente na minha formação acadêmica.

EPIGRAFE

O meu texto é um lugar onde as mulheres se sentem em casa.

Conceição Evaristo

RESUMO

Esta dissertação busca explorar a importância da leitura em nossas vidas e como ela está presente em todos os âmbitos. Inclusive, até antes de aprendermos a ler e a escrever. Sendo assim, é fundamental que o ensino da leitura também seja pautado nas práticas sociais - a leitura nos seus usos sociais. Pois, mesmo que os alunos estejam em séries mais avançadas como a do Ensino Médio, ainda é possível percebermos uma resistência e grande dificuldade de ler. Neste sentido, este trabalho tem como objetivo principal propor atividades de leitura da literatura afro-brasileira através do Círculo de Leitura e Estratégias de Leitura que visem o incentivo e à consolidação das práticas leitoras para alunos do 1º e 2º anos do Ensino Médio. Estabelecemos como objetivos específicos: (1) incentivar a leitura de autores afro-brasileiros; (2) identificar e analisar as estratégias de leitura e a sua importância nas práticas de leitura (3) incentivar o ensino da leitura compartilhada; (4) elaborar atividades de leitura a partir das estratégias de leitura e do Círculo de Leitura; Para conduzir este trabalho, utilizamos as contribuições teóricas da literatura afro-brasileira com Duarte (2008), Conceição Evaristo (2014, 2018) , Chimamanda Ngozi Adichie (2019) e Jenyffer Nascimento (2014), os estudos de Paulo Freire (1989; 2003) Martins (1998), Eliane Yunes (1999), Souza (2012), Vincent Jouve (2002) sobre as diferentes definições que a leitura pode ter; buscamos apoio nos estudos dos Letramentos de Kleiman (2004) e Soares (2009), Isabel Solé (1998) e Girotto e Souza (2010) sobre as estratégias de leitura e Rildo Cosson (2009; 2014) para abordar o Círculo de Leitura. O procedimento metodológico consiste em uma natureza qualitativa e descritiva. Apresentamos duas propostas didáticas: a primeira sobre as estratégias de leituras com a metodologia do antes - durante e depois da leitura e a segunda, do Círculo de Leitura relacionando de que maneira podemos usar as estratégias de leituras. Ambas as atividades possuem a leitura da literatura afro-brasileira que visam o incentivo e à consolidação das práticas leitoras para alunos do 1º e 2º anos do Ensino Médio. Serão utilizadas seis obras principais na atividade: o poema Vozes mulheres, de Conceição Evaristo; a música Mama África, de Chico César; o monumento Mãe Negra, de Júlio Guerra; o conto “Maria”, de Conceição Evaristo; a tirinha Santos 06, de Leandro Assis; o poema Identidade, de Jennifer Nascimento. Esperamos que as atividades sugeridas possam contribuir para o incentivo da leitura afro-brasileira e para uma maior proficiência leitora dos estudantes. Além disso, almejamos que a pesquisa desenvolvida também seja uma contribuição para a academia e para os futuros professores na área da educação.

Palavras-Chave: Leitura; Literatura Afro-Brasileira; Estratégias de Leitura; Círculo de Leitura; Autores Afro-brasileiros.

ABSTRACT

This dissertation seeks to explore the importance of reading in our lives and how present it is in all areas. Even before we learn to read and write. Therefore, it is essential that the teaching of reading is also based on social practices - reading in its social uses. Because, even if students are in more advanced grades such as high school, it is still possible to notice resistance and great difficulty in reading. In this sense, this work's main objective is to propose reading activities of Afro-Brazilian literature through the Reading Circle and Reading Strategies that aim to encourage and consolidate reading practices for students in the 1st and 2nd years of high school. We have established specific objectives: (1) to encourage the reading of Afro-Brazilian authors; (2) identify and analyze reading strategies and their importance in reading practices (3) encourage the teaching of shared reading; (4) develop reading activities based on reading strategies and the Reading Circle; To conduct this work, we used the theoretical contributions of Afro-Brazilian literature with Duarte (2008), Conceição Evaristo (2014, 2018), Chimamanda Ngozi Adichie (2019) and Jenyffer Nascimento (2014), the studies of Paulo Freire (1989; 2003) Martins (1998), Eliane Yunes (1999), Souza (2012), Vincent Jouve (2002) on the different definitions that reading can have; We sought support in the Literacy studies of Kleiman (2004) and Soares (2009), Isabel Solé (1998) and Giroto and Souza (2010) on reading strategies and Rildo Cosson (2009; 2014) to approach the Reading Circle. The methodological procedure consists of a qualitative and descriptive nature. We will present two didactic proposals: the first on reading strategies with the methodology of before - during and after reading and the second, and the second, on the Reading Circle relating how we can use reading strategies. Both activities include reading Afro-Brazilian literature aimed at encouraging and consolidating reading practices for students in the 1st and 2nd years of high school. Six main works will be used in the activity: the poem *Vozes Mulheres*, by Conceição Evaristo; the song *Mama África*, by Chico César; the *Mãe Negra* monument, by Júlio Guerra; the short story "Maria", by Conceição Evaristo; the comic strip *Santos 06*, by Leandro Assis; the poem *Identity*, by Jennifer Nascimento. We hope that the suggested activities can contribute to encouraging Afro-Brazilian reading and greater reading proficiency among students. Furthermore, we hope that the research developed will also be a contribution to academia and future teachers in the field of education.

Keywords: Reading; Afro-Brazilian Literature; Reading Strategies; Reading Circle; Afro-Brazilian authors.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01: Reportagem sobre uma jovem negra acusada de furto.....	45
Figura 02: Reportagem sobre uma mulher negra presa injustamente.....	46
Figura 03: Capa do Livro Poema da Recordação e Outros Movimentos.....	54
Figura 04: Capa do livro Olhos D' Água.....	55
Figura 05: Tirinha Os Santos.....	59
Figura 06: Monumento Mãe Preta.....	61
Figura 07: Capa do livro Terra Fértil.....	62
Figura 08: Monumento Mãe Preta.....	65
Figura 09: Captura do vídeo de Conceição Evaristo lendo o seu poema.....	67
Figura 10: Captura do vídeo de Chico César cantando a sua música.....	68
Figura 11: Quadro com as seis etapas do Círculo de Leitura.....	76
Figura 12: Perfil no Instagram de Leandro Assis.....	77

LISTA DE QUADROS

Quadro 01: Fichas de Função.....	44
Quadro 02: As obras utilizadas nas atividades de Estratégias e Círculo de Leitura...	52

SUMÁRIO

1.0 Introdução.....	13
2.0 Literatura Afro-Brasileira.....	18
3.0 Sobre a leitura e suas perspectivas.....	20
3.1 Leitura, o que é? Como se faz?.....	20
4.0 Estratégias de Leitura.....	27
4.1 Antes da Leitura.....	29
4.2 Durante a Leitura.....	31
4.3 Depois da Leitura.....	35
4.3.1 A ideia principal	35
4.3.2 Elaboração do Resumo.....	35
4.3.3 Formulação e Respostas a Perguntas.....	36
5.0 Círculo de Leitura.....	40
6.0 Percurso Metodológico.....	52
6.1 Obras.....	53
6.1.1 Poema Vozes-Mulheres, de Conceição Evaristo.....	53
6.1.2 Música Mama África de Chico César.....	54
6.1.3 Conto “Maria” de Conceição Evaristo.....	55
6.1.4 Quadrinhos de Ilustração, série Os Santos.....	58
6.1.5 Monumento Mãe Preta do escultor Júlio Guerra.....	60
6.1.6 Poema Identidade de Jenyffer Nascimento.....	62
7.0 Propostas de Atividade.....	63
7.1 Uma proposta de atividades de leitura a partir das estratégias de leitura.....	63
7.1.2 Etapas Metodológica de Estratégias de Leitura.....	64
7.1.2.1 Motivação para a leitura e antecipação do tema.....	64
7.1.2.2 Levantamento do Conhecimento Prévio e Expectativas para as Leituras.....	66
7.1.2.3 Depois da leitura.....	69
7.1.2.4 Avaliação.....	71
7.2 Uma proposta de atividades de leitura a partir do Círculo de Leitura.....	72
7.2.1 Construção das Fases do Círculo de Leitura.....	72
7.2.1.1 1º Momento: Motivação.....	75
7.2.1.2 2º Momento: Introdução.....	76

7.2.1.3 3º Momento: Leitura	78
7.2.1.4 4º Momento: Primeira Interpretação.....	79
7.2.1.5 5º Contextualização.....	80
7.2.1.6 6º Momento: Expansão.....	81
7.2.1.7 7º Momento: Avaliação.....	83
8.0 Análise das Propostas Didáticas.....	83
9.0 Considerações Finais.....	85
Referências Bibliográficas.....	87
Apêndices.....	90

1.0 Introdução

A aprendizagem da Língua Portuguesa costuma ser considerada uma das mais difíceis em todos os períodos letivos do ensino escolar. O aluno já chega à escola com certa aversão à disciplina de português por achá-la muito difícil. E isso se deve ao falso pensamento de que o seu estudo se resume apenas às regras gramaticais. Bagno (2004) reflete que essa questão é decorrente do ensino nas escolas que ainda é abordado de modo tradicional. O estudante precisa decorar conceitos e regras que não só dificultam a experiência com a disciplina, como também representam apenas uma parte do que necessitamos do ensino de língua para agirmos fora da escola. Na maioria das vezes, há a preocupação em ensinar a lista de todos os tempos e modos verbais ao invés de demonstrar como essas regras funcionam no cotidiano, nos usos sociais da leitura e da escrita, por exemplo, em uma notícia. No entanto, o ensino de língua portuguesa não se reduz ao que é certo ou errado.

Observando o ensino da leitura e reconhecendo a sua função transformadora partindo do distanciamento que esta vem propiciar da realidade concreta, levando o leitor à reflexão, à abertura de novas possibilidades acerca do viver, se reconhece a importância do incentivo das práticas de leitura para os alunos. Logo, vemos a urgência de trabalharmos as competências e habilidades indispensáveis para a formação do leitor, visto que a leitura contribui para uma visão extensa do que acontece no mundo e favorece o desenvolvimento crítico.

No entanto, a aquisição desses conhecimentos acaba sendo uma problemática na educação básica, porque a escola ainda apresenta uma didática que torna esse processo algo enfadonho e como atividade que não desperta interesse nenhum. Desta forma, os alunos acabam sem desenvolver o hábito da leitura de modo satisfatório nos primeiros anos escolares e este cenário acaba se prolongando até as fases finais do período escolar: o Ensino Médio.

É importante ressaltar o que diz a Base Nacional Comum Curricular – BNCC (2018) - quando estabelece quatro eixos para a disciplina de Língua Portuguesa: oralidade; leitura; escrita e análise linguística (conhecimentos sobre a língua e sobre a norma padrão). Desta forma, faz-se necessário abordar os quatro eixos do ensino de língua e o professor deve oferecer aos alunos vivências que contribuam para o desenvolvimento do/s letramento/s. Ou seja, o foco da disciplina precisa ser nos usos

da linguagem para a atuação na sociedade de modo criativo e crítico.

Na fase do Ensino Médio, além da proposta de continuidade do que é disposto nas etapas iniciais da educação básica, há principalmente o foco no protagonismo juvenil com o objetivo da formação de jovens criativos, autônomos e críticos, com o desenvolvimento dos seus projetos de vida, e na interdisciplinaridade do ensino. Ademais, a leitura é concebida na pluralidade desse público jovem e isso deve ser uma especificidade no trabalho pedagógico. A escola deve ser vista como um local que acolhe a juventude e reconhece o jovem como um participante ativo na sociedade.

Neste sentido, a BNCC organiza as aprendizagens essenciais para o Ensino Médio por meio de áreas do conhecimento, a saber: Linguagens e suas Tecnologias, Matemática e suas Tecnologias, Ciências da Natureza e suas Tecnologias, Ciências Humanas e Sociais Aplicadas. As competências e habilidades da BNCC constituem a formação geral básica do estudante do Ensino Médio e os currículos desta etapa do Ensino Básico são compostos pela formação geral básica, articulada aos itinerários formativos como um todo indissociável (Brasil, 2018). No tocante à área de Linguagem e suas Tecnologias concentrando no ensino de Língua Portuguesa temos o aumento da autonomia, do protagonismo e da autoria na prática e uso das diferentes linguagens.

Levando em consideração as problemáticas apontadas acima, nosso **objetivo geral** é propor atividades de leitura da literatura afro-brasileira através do Círculo de Leitura e Estratégias de Leitura que visem o incentivo e à consolidação das práticas leitoras para alunos do 1º e 2º anos do Ensino Médio. Como **objetivos específicos** pretendemos, primeiramente, (1) incentivar a leitura de autores afro-brasileiros; (2) identificar e analisar as estratégias de leitura e a sua importância nas práticas de leitura (3) incentivar o ensino da leitura compartilhada; (4) elaborar atividades de leitura a partir das estratégias de leitura e do Círculo de Leitura;

As **hipóteses** para as problemáticas discutidas são formuladas em quatro pontos: Hipótese 1: A prática de leitura com obras afro-brasileiras corrobora para uma reflexão crítica e a desconstrução do preconceito, discriminação e o combate ao racismo. Hipótese 2: Os estudos da literatura afro-brasileira contribuem na reconstrução da consciência sobre a representação do negro e no reconhecimento de seu protagonismo nas obras. Hipótese 3: A experiência do aluno leitor está relacionada às práticas sociais de leitura, sendo assim se torna mais significativa quando o discente consegue construir sentido a partir de suas vivências; Hipótese 4:

O Círculo de Leitura é uma eficaz estratégia para valorizar a leitura e contribuir para a formação leitora.

O interesse pela temática advém desde a elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) realizado no Curso de Letras Português da UFPB, quando fiz um relato de experiência sobre as práticas de leitura e escrita em uma escola pública de ensino fundamental II - anos finais. A pesquisa teve como proposta a análise das atividades realizadas pelos alunos para enfatizar o quanto a vivência e o conhecimento prévio destes colaboraram para a construção de sentidos do texto e desta maneira, causar um maior incentivo à leitura e à escrita.

A partir dessa experiência, percebi logo que as práticas de leituras e de escrita devem ser embasadas nas experiências de vida que o aluno traz e o seu conhecimento prévio. Compreendo, portanto, que o direcionamento para realizar leitura e escrita em sala de aula constitui-se aspecto preponderante para o incentivo no ensino de LP. Todo o estudo desenvolvido sobre a temática nos conduziu a uma resposta positiva em relação a esses dois aspectos tão importantes e ainda não alcançados no ensino de LP. E é em virtude disso que pretendemos ampliar a pesquisa para a sala de Ensino Médio com foco nas práticas de leitura e nas estratégias que podem favorecer a aprendizagem da leitura de forma significativa na formação do aluno/leitor.

O Ensino Médio é a última etapa da educação básica e é o momento final em que os estudantes estão se preparando para concretizar a sua formação enquanto cidadãos críticos e conscientes acerca das suas realidades e também, para aplicar todas habilidades em relação às leituras que foram desenvolvidas ao longo dos anos escolares anteriores. No entanto, existe um contexto similar em relação à prática da leitura: a mesma resistência e dificuldade que encontramos nas salas de Ensino Fundamental são percebidas no Ensino Médio, quando o assunto é ler. Apesar de já estarem em séries mais avançadas e com uma certa bagagem escolar, ainda é muito comum que as turmas afirmem que não gostam de ler e sintam dificuldade para se tornarem leitores. Por essa razão, compreendo que a ampliação da pesquisa de TCC pode ser válida para o Ensino Médio, visto que ainda é um desafio para a escola oferecer práticas de leitura que sejam pautadas nas vivências dos estudantes e assim, colaborar para uma experiência leitora que seja mais significativa.

A pesquisa tem relevância para a academia visto que o trabalho com as competências e habilidades leitoras sugeridas na BNCC na prática da sala de aula ainda se encontram em vias de consolidação do cenário almejado. Uma das

explicações para essa não consolidação atribui-se ao fato de ainda ser muito comum que o trabalho com a leitura seja desenvolvido como um processo totalmente distante das práticas sociais, ou seja, desvinculado da língua em uso. O discente precisa entender não apenas das características que compõem o gênero discursivo que se propõe a ler, mas principalmente saber a relevância dele na sociedade como, por exemplo, para a reivindicação de seus direitos enquanto cidadão em relação a algum percalço de sua cidade, como ocorre com o gênero carta de reclamação.

Constatamos que não existem muitas pesquisas que focalizam o trabalho das práticas de leitura e muito menos propostas de círculos de leitura e estratégias de leitura com autores afro-brasileiros destinadas aos anos do Ensino Médio. Logo, os estudos e dados da presente pesquisa podem contribuir com a efetiva formação do aluno leitor, bem como servir como colaboração para as pesquisas na área da educação e, especificamente, no ensino de língua materna, com sugestões de propostas didáticas para professores, pois a universidade é especialmente um local de produção e compartilhamento de conhecimento.

A temática é muito importante porque ainda temos aulas de Português no Ensino Médio que tratam o ensino de leituras literárias com o foco no contexto histórico de cada escola literária, sempre privilegiando as obras canônicas. Com isso, as obras contemporâneas, com temáticas como as questões raciais, de etnia, de gênero deixam de ser priorizadas, ficando de fora desse escopo da leitura. O nosso intuito é propor atividades pedagógicas que incluam essas questões e temas atuais, assim como os seus autores para que os estudantes passem a conhecê-los ainda no Ensino Médio e não apenas na academia e no curso de Letras, como vem acontecendo. Ademais, sugerimos a utilização de conteúdos que são gerados a partir das redes sociais que sempre foram vistas como um problema, mas que podem contribuir com a discussão de pautas sociais importantes e causar mais interesse e prazer na prática leitora.

Para a formulação teórica, abordaremos sobre o conceito e as características da literatura afro-brasileira, a respeito das concepções de leitura a fim de entender sobre os estudos que já existem sobre as definições de leitura com objetivo de superarmos o seu ensino como um processo apenas de decodificação e procurar caminhos que considerem a vivência e o conhecimento prévio dos alunos. Diante do exposto, é necessário pensarmos num ensino pautado não apenas na decodificação dos símbolos, visto que esta centralidade das letras e sinais de pontuação resulta em problemas na formação desse estudante que terá dificuldades sobre o que lê e como

lê. Para alcançarmos nossos objetivos, exploramos os estudos da literatura afro-brasileira com Duarte (2008), Evaristo (2014, 2018), Adichie (2019) e Nascimento (2014). Para as definições de leitura, trazemos os estudos de Freire (1989, 2003) Martins (1998), Eliane Yunes (1999), Koch e Elias (2008), Souza (2012), Vincent Jouve (2002), buscamos apoio nos estudos dos Letramentos de Kleiman (2004) e Soares (2009), visto que ampliam nossa discussão sobre as práticas sociais da leitura. Além disso, para sustentar a proposta metodológica abordaremos o aporte teórico de Solé (1998) e Girotto e Souza (2010) com as estratégias de leitura e Cosson (2009; 2014) com o aparato teórico sobre o Círculo de Leitura.

O trabalho está dividido em 9 capítulos: inicialmente, no primeiro capítulo temos a introdução, em seguida, trazemos considerações a respeito da literatura afro-brasileira e suas características, o segundo capítulo apresenta a definição das concepções de leitura, no capítulo seguinte falamos sobre as estratégias de leitura que são divididas em antes, durante e depois. Em seguida, sobre o que é e o funcionamento de um Círculo de Leitura. Posteriormente, relatamos sobre a caracterização do campo de pesquisa e o percurso metodológico. Em seguida, apresentamos a proposta didática. E por fim, temos as considerações finais, as referências bibliográficas e os apêndices.

2.0 Literatura Afro-Brasileira

Sendo a educação um direito fundamental para todos, o ambiente escolar necessita ter todos os requisitos para se tornar um local que abrange a identidade étnico racial e cultural de todas as crianças, adolescentes e jovens promovendo uma educação antirracista. Com base nisso, a Lei 10.639 aprovada em 2003 torna obrigatório o ensino da História e da Cultura Afro-brasileira e Africana e estabelece novas diretrizes curriculares para o ensino fundamental até o Ensino Médio. Em 2023, a lei completa 20 anos. No entanto e apesar de todos os avanços, ainda temos muitos desafios que prejudicam a efetivação da lei como a falta de fiscalização, pouco investimento na formação dos professores, entre outros.

Para dar início à discussão sobre a Literatura Afro-Brasileira, precisamos prioritariamente levar em consideração o conceito de “história única”, ou melhor, o perigo de uma história única. Adichie (2019) apresenta esta percepção para ressaltar o quanto a história única cria estereótipos e apesar de não serem mentiras, geralmente são incompletos. “Eles fazem com que uma história se torne a única história”. Ou seja, criar uma história única funciona assim: mostre um povo como um elemento, um único só, sem parar, e é isso que esse povo se tornará. A estudiosa explica que: “A consequência da história única é esta: ela rouba a dignidade das pessoas. Torna difícil o reconhecimento da nossa humanidade em comum. Enfatiza como somos diferentes, e não como somos parecidos”. (Adichie, p. 2).

Ao longo do contexto histórico tornou-se comum ouvirmos histórias negativas sobre o continente africano, seja por um discurso de guerras, doenças, fome, que acabou transformando-se na única história da África. Quando na verdade, o continente africano vai além disso com toda a sua diversidade cultural, suas crenças, religiões, entre outros. Por sua vez, Evaristo (2009) destaca sobre a roupagem estereotipada dos negros em diversas obras brasileiras. Por exemplo, o sujeito negro surge desprovido do dom da linguagem e afásico, um mutismo.

No seu artigo, Literatura afro-brasileira: um conceito em construção, Duarte (2008) concorda com as palavras de Zilá Bernd (1988) quando diz que essa literatura apresenta um sujeito de enunciação que se afirma e se quer negro. Conforme o autor, torna-se necessária uma visão de mundo que se identifique à história, à cultura e toda a problemática inerente à vida dessa população.

Duarte (2008) apresenta cinco elementos para caracterizar uma obra como literatura afro-brasileira. Em primeiro lugar, a temática, e o tema principal é a história do povo negro. Em segundo lugar, a autoria. Em seguida, temos o ponto de vista. Não é o suficiente ser afro-descendente ou utilizar-se do tema, é necessário a visão de mundo do autor e como vai destacar a identidade negra nas suas obras. O quarto componente é a linguagem, marcada pela expressão de ritmos e vocabulários oriundos da África. E o quinto e último elemento, o público, associado ao público leitor a quem a obra é direcionada e a sua intencionalidade.

Nos capítulos e subtópicos seguintes desenvolvemos a discussão sobre o conceito de leitura e as suas diferentes concepções assim como a sua importância através dos estudos de diferentes pesquisadores na área da educação; a diferenciação entre a compreensão e a interpretação; as estratégias de leitura que auxiliam na formação de um leitor proficiente; e, por fim, sobre as características e funcionamento de um Círculo de Leitura.

3.0 Sobre a leitura e suas perspectivas

A necessidade de se comunicar é inerente a todo ser humano. A linguagem é um processo que nasce da necessidade que todo homem tem de se manifestar. Fala-se porque se vive em comunidade. E por estar falando, acaba-se aprendendo. A leitura dessa maneira ocupa um lugar de destaque na vida das pessoas, quer seja na vida escolar ou pessoal. É inevitável porque é através dela que podemos compreender o mundo que nos cerca, interpretar o sentido dos objetos que estão ao redor, e, além de estimular a aprendizagem, também auxilia no desenvolvimento da personalidade pois propicia que o indivíduo fortaleça sua capacidade de argumentação a partir das relações que estabelece entre seus conhecimentos e as ideias contidas em cada leitura, incitando o desenvolvimento de senso crítico.

Com isso, é notório o quanto a leitura é importante e ultrapassa até mesmo os limites do currículo escolar e, em decorrência disso, precisamos aprender mais sobre os conceitos de leitura e todas as possibilidades que podemos ter com o seu ensino/aprendizado na escola e também fora dela.

3.1 Leitura, o que é? Como se faz?

A leitura é um dos principais agentes que proporcionam o desenvolvimento humano através da ampliação dos horizontes, a aquisição de novos conhecimentos, corrobora na formação cidadã consciente e autônoma e funciona como instrumento de inclusão social. É por meio da leitura que conseguimos refletir sobre o mundo que nos cerca, construir saberes na interação entre os indivíduos, ter acesso à informação e atuar na sociedade de modo político, econômico e cultural. E além disso, a leitura ainda age como estímulo à fantasia e ao deleite, à imaginação, abrindo caminhos diversos para os indivíduos. E é, principalmente, uma atividade voluntária e social. Ademais, é primordial refletir sobre o quanto a leitura está presente em todos os setores das nossas vidas. Conforme afirma Freire:

Desde que nascemos, vamos aprendendo a ler o mundo em que vivemos. Lemos no céu as nuvens que anunciam chuva, lemos na casca das frutas se elas estão verdes ou maduras, lemos no sinal de trânsito se podemos ou não atravessar a rua. E, quando aprendemos a ler livros, a leitura das letras no papel é uma outra forma de leitura, do mesmo mundo que já líamos, antes ainda de sermos alfabetizados (Freire, 2003, p.5-6).

Nesta percepção de Freire (2003), podemos perceber que o ser humano está

ligado diretamente à leitura desde os seus primeiros dias de vida. O ato de ler aprimora-se na escola e continua durante a vida inteira de modo individual e na interação social, tendo em vista que é por meio da leitura que descobrimos outras possibilidades de perceber o mundo, as emoções, as habilidades, entre outros. Aprendemos a ler vivendo. E lemos para viver uma vida melhor. Como afirma Freire (1989, p. 13), a “leitura do mundo” precede a leitura da palavra, ou seja, a compreensão do texto se dá a partir de uma leitura crítica, percebendo a relação entre o texto e o contexto. Sendo assim, o contexto pessoal é fundamental para a formação de sentidos porque é a partir desse contexto de vida que aprendemos a ler.

Desta forma, podemos dizer que a noção de leitura vai além do reconhecimento dos códigos linguísticos e da sua relação com a escrita. Ler não é apenas “decodificar as letras”. Martins (1998, p. 32) nos diz que “decodificar sem compreender é inútil; compreender sem decodificar, impossível.” Assim, é essencial ressaltar que a decodificação também é necessária à leitura.

Dentre as noções de leitura, Martins (1998, p. 33) concorda com a nossa quando diz que:

A leitura vai, portanto, além do texto (seja ele qual for) e começa antes do contato com ele. O leitor assume um papel atuante, deixa de ser mero decodificador ou receptor passivo. E o contexto geral em que ele atua, as pessoas com quem convive passam a ter influência apreciável em seu desempenho na leitura. Isso porque o *dar sentido a um texto* implica sempre levar em conta a situação desse texto e de seu leitor. E a noção de texto aqui também é ampliada, não mais fica restrita ao que está escrito, mas abre-se para englobar diferentes linguagens (Martins, 1998, p.33).

Partindo dessa informação, reconhecemos mais uma vez que a leitura se inicia antes mesmo dos textos, ou seja, na leitura do mundo. E não é apenas uma decodificação da palavra e o leitor precisa alcançar o seu contexto e atribuir sentidos através de suas experiências. Koch e Elias (2008, p.11) também abordam que “a leitura é, pois, uma atividade interativa altamente complexa de produção de sentidos, que se realiza evidentemente com base nos elementos linguísticos presentes na superfície textual e na sua forma de organização, mas requer a mobilização de um vasto conjunto de saberes na comunicação.” A leitura é construída através do diálogo do leitor com tudo aquilo que é possível de ser lido - quer seja escrito, uma imagem, um fato, um gesto. E é indubitavelmente, um instrumento libertador e possível de ser usufruído por todos.

Além do mais, Jouve (2002) investiga a leitura como uma atividade complexa

e com várias facetas e se desenvolve em diferentes direções. Para o autor, o processo da leitura é construído com cinco dimensões: um processo neurofisiológico; cognitivo; afetivo; argumentativo; simbólico. Dentre esses processos, vamos apresentar o neurofisiológico, afetivo e simbólico porque corroboram a noção de leitura que estamos abordando neste trabalho.

Para além do que já foi falado, é fundamental falarmos da leitura enquanto um processo neurofisiológico e isso quer dizer que só é possível ler em decorrência do funcionamento do aparelho visual e de diferentes funções do cérebro. Prioritariamente, há uma operação de percepção, identificação e de memorização dos signos. Diversos estudos já comprovaram que o olho não capta os signos um após o outro e sim, por grupos. O movimento do olhar não é linear e é na verdade, realizado por saltos bruscos e descontínuos com pausas maiores e menores que oportunizam a percepção. A leitura se torna mais fácil para o leitor através de textos que possuem palavras curtas, antigas, simples e polissêmicas. Assim sendo, em seu aspecto físico, a leitura é revelada como uma atividade de antecipação, de estruturação e de interpretação.

Jouve (2002) caracteriza o processo afetivo como “charme da leitura” que decorre em grande parte das emoções que ela excita e que é um dos aspectos que origina a identificação no que se lê. E isso é fácil de explicar como acontece na prática: a paixão, a admiração que criamos por determinados personagens de uma história, por exemplo. Sentimo-nos instigados a continuar lendo quando estamos emocionalmente envolvidos com alguma personalidade do enredo. Em suma, o engajamento afetivo é de fato um componente essencial da leitura em geral (Jouve, 2002; p. 21). Podemos acrescentar às palavras do autor falando que o engajamento afetivo acaba corroborando o incentivo da leitura.

O último processo que também contribui para a nossa pesquisa é o processo simbólico, pois explica o quanto a cultura é importante para a leitura. Ou seja, toda e qualquer leitura e os seus sentidos vão dialogar com o contexto histórico e cultural da sociedade vigente. E em conjunto com o processo simbólico, Jouve (2002) também discorre sobre as condições da atividade leitora no qual inicialmente é estabelecida com o estatuto de comunicação diferida. Isto é, em comparação da leitura com a comunicação oral. Isto posto, compreende-se que o autor e o leitor estão distantes um do outro no espaço e no tempo. O texto será apresentado para o leitor fora do seu cenário de origem. O autor e leitor não têm espaço comum de referência. E é por intermédio da estrutura do texto - no jogo de suas relações internas - que o leitor

reconstrói o contexto necessário à compreensão da obra.

É oportuno trazer as considerações de Jouve (2002), pois acrescentam no entendimento que temos da leitura à medida que o autor traz aspectos neurofisiológicos que são cruciais serem explanados por ser o princípio de toda a aprendizagem leitora e também de como os seus estudos consideram a cultura e o afeto como componentes essenciais da leitura.

Yunes (1995) explica que ler significa descortinar, mudar de horizontes, interagir com o real, interpretá-lo, compreendê-lo e decidir sobre ele. Desde o início a leitura deve contar com o leitor, sua contribuição ao texto, sua observação ao contexto, sua percepção do entorno. O prazer de ler é também uma descoberta (Yunes, 1999, p.186). A autora complementa dizendo que o ato de ler é questionar as palavras, duvidar delas, aumentá-las e que é a partir desta troca, desta relação que nasce o prazer de conhecer, de imaginar, de inventar a vida. O ato de ler precisa estar acima de tudo, relacionado ao prazer.

Antes de começarmos os estudos sobre as estratégias de leitura, precisamos conhecer as concepções sobre a leitura a fim de encontrarmos os aspectos que fundamentam **a sua prática** e quais são os pontos convergentes com as estratégias de leitura, uma vez que a leitura é um processo de elaboração e confirmação de previsões que levam para o caminho da interpretação como nos explica Kleiman (2004). E, levando em consideração o contexto da nossa pesquisa, trazemos para discussão as três concepções de leitura que Koch e Elias (2008) apresentam: foco no texto; foco no autor; foco na interação do texto-autor-leitor. E os estudos sobre as teorias do letramento das autoras Kleiman (2004) e Soares (2009) porque apoiam a percepção de que é fundamental que o ensino da leitura e da escrita deve permear a teoria do letramento, abrangendo a noção de práticas sociais, ou seja, em seus usos sociais. E também as contribuições de Solé (1998) e Girotto e Souza (2010) no que se refere às estratégias de leitura. E sobre os estudos do Círculo de Leitura, Cosson (2009; 2014).

No que tange às Concepções de Leitura, temos a concepção com foco no texto, nela a exigência ao leitor resume-se em tudo aquilo que está dito no texto. É uma atividade de reconhecimento das palavras e estruturas no texto. Na concepção de leitura com foco no autor, o texto é visto como um produto e o seu sentido está centrado em torno do que autor fez e faz para construir os textos e as suas intenções, assim, o leitor só precisa captar as ideias que estão presentes conforme foram idealizadas pelo autor. Não há o incentivo para que o leitor interprete através de suas

experiências e conhecimentos.

Na concepção de leitura com foco na interação do texto-autor-leitor, o leitor possui um papel de construtor de sentidos. É justamente no diálogo entre leitor, texto e autor que os novos sentidos para a leitura serão constituídos. Ou seja, nesta concepção o sentido do texto é construído a partir do leitor enquanto um agente ativo no processo da leitura que extrai significados, expressa suas ideias. Além de englobar o que é dito pelo autor, o leitor tem a possibilidade de se reconhecer no texto e, também, passar a ter autonomia crítica sobre o que é lido e, assim, atribuir algum juízo de valor.

Logo, criamos a ideia de que na abordagem interacionista o leitor é visto como construtor de sentidos. E a partir dessa perspectiva, notamos esse leitor com uma posição ativa no processo de aprendizagem da leitura fazendo relação com tudo aquilo que ele já viveu, trazendo novas informações através das suas considerações, ficando livre inclusive para discordar sobre aquilo que se lê. Concordamos que essa é a abordagem que oferece uma aprendizagem significativa da leitura.

Dessa forma, é primordial perceber que o trabalho com a leitura deve ser coerente com as teorias do letramento (Kleiman, 2004; Soares, 2009) que a concebem como prática social. Então, o desenvolvimento das habilidades do uso da leitura deve considerar os seus usos reais em contextos sociais diversos. Não deve ser construído distante do mundo do aluno, mas com o propósito de prepará-lo para a realidade na qual se insere baseado em conhecimentos prévios que este alcançou com a sua vivência. Kleiman (2004) traz o conceito de letramento como um termo criado para fazer referência aos usos da língua escrita não apenas na escola, mas em todo lugar. As práticas de letramento estão presentes em todos os setores em que o indivíduo interage socialmente, como, por exemplo, na escola, no trabalho, no lazer, entre outros.

É válido reforçar também que, apesar de o ato de ler ser centrado na produção de sentidos e sendo a leitura uma competência social e individual, precisamos destacar que antes de qualquer aspecto, o leitor é construído enquanto tal pela comunidade da qual faz parte (Heath, 1983). E o processo da leitura não será o mesmo em todo lugar e em todo momento justamente pela história estar sempre em movimento, a partir do seu contexto.

Sabemos que a leitura é um processo de produção de sentidos construído a partir de aspectos cognitivos, culturais, sociais e, assim, o leitor é um sujeito que age socialmente e que entende o que está escrito por meio das relações que determina

entre as informações do texto e os seus conhecimentos prévios. Dessa maneira, o ensino da leitura precisa ser propagado de modo que o leitor possa refletir sobre o que lê, formulando pontos de vistas para saber utilizá-lo no seu cotidiano. Cafiero (2005, p.87) explica que: “Há um componente social no ato de ler. Lemos para nos conectarmos ao outro que escreveu o texto, para saber o que ele quis dizer, o que quis significar. Mas também lemos para responder às nossas perguntas, aos nossos objetivos”.

Antes de iniciarmos a explicação sobre as estratégias de leituras, é válido diferenciar dois conceitos do processo da leitura que apesar de parecerem sinônimos possuem suas divergências: **a compreensão** e **a interpretação**, que são imprescindíveis para uma boa prática leitora. A compreensão está ligada ao que está escrito no texto, ou seja, começa pela decodificação do signo linguístico. Uma boa compreensão textual leva em consideração todas as informações que estão contidas no texto, a pontuação, as palavras-chaves, entre outros. Por sua vez, a interpretação está além do que está no texto. Para interpretar bem uma leitura torna-se necessário opinar e refletir, acrescentar os conhecimentos prévios e experiências do leitor, entendimento do mundo; extrapolar os limites do texto para ajudar a compreender melhor o que está escrito. Precisamos saber ler e interpretar não somente o que está escrito no texto, mas o que está nas entrelinhas: o duplo sentido, as intenções, os não ditos.

Todavia, precisamos esclarecer que tanto para compreender quanto para interpretar é preciso fazer um esforço cognitivo durante a leitura, que exige um leitor ativo que aciona e atribui significado àquilo que está escrito. E é justamente nessa atribuição que percebemos os nossos conhecimentos prévios, os pressupostos e os subentendidos a partir das nossas experiências e de todo o nosso repertório.

Ademais, a compreensão e a interpretação de um texto diferenciam-se consoante as circunstâncias que a leitura possui e depende de diversos aspectos complexos e interdependentes. No entanto, sabemos que fatores relacionados ao autor, leitor e texto podem contribuir e ao mesmo tempo dificultar o processo de compreensão leitora. E é por conta disso, que o ensino de estratégias de leituras se faz totalmente necessário haja vista que os alunos precisam de estratégias de compreensão específicas para se tornarem leitores independentes e refletirem sobre o que leem. No capítulo 4, faremos uma explanação sobre as estratégias de leitura e a sua importância.

4.0 Estratégias de Leitura

Apesar de a leitura ser um processo que abrange diversas possibilidades, o ato de ler é complexo e a compreensão leitora é um fator essencial para tornar a leitura significativa e motivadora. O hábito da leitura deve ser incentivado e promovido de modo que desperte o interesse e a curiosidade do educando. Para que isso aconteça, é imprescindível um ensino pautado em estratégias de leitura que abrangem a apresentação de objetivos, planejamento de ações, e a sua avaliação, proporcionando que o aluno interprete e compreenda tudo aquilo que lê tornando-se um leitor proficiente nos mais variados tipos de textos. Como nos diz Cafiero (2005, p. 8): “Podemos entender que estratégia é uma ferramenta que utilizamos para atingir uma meta. São os meios para chegarmos a um fim. Ao usar uma estratégia, procuramos gastar menos recursos cognitivos e obter maiores resultados”.

Kleiman (2004) em seus estudos orienta o quanto é relevante a discussão sobre a leitura na aprendizagem, a aprendizagem da leitura e a aprendizagem sobre a leitura. Os pontos que a autora aventa referem-se ao estudo das estratégias de leitura porque é muito importante investigar como a situação de estar em processo de leitura é um recurso para o aprendizado das estratégias com a finalidade de aprender a ler. E como um dos objetivos da escola é a formação de bons leitores é imprescindível ensinar sobre as estratégias de leitura, pois bons leitores usam estratégias quando leem.

Em virtude disso, faz-se necessário que o professor enquanto mediador crie condições para estimular os alunos por meio de atividades de leitura a fim de contribuir com a formação leitora. Para Solé (1998), o leitor constrói o sentido para o texto a partir dos seus objetivos de leitura, conhecimentos prévios sobre o assunto, o autor, a linguagem e o mundo. Além de contribuir para o entendimento naquilo que está sendo lido, as estratégias de leitura também ajudam a identificar e esclarecer o que não está sendo entendido. Martins (1998, p. 34) explica que:

A função do educador não seria precisamente a de ensinar a ler, mas a de criar condições para o educando realizar a sua própria aprendizagem, conforme seus próprios interesses, necessidades, fantasias, segundo as dúvidas e exigências que a realidade lhe apresenta. Assim, criar condições de leitura não implica apenas alfabetizar ou propiciar acessos aos livros. Trata-se, antes, de dialogar com o leitor sobre a sua leitura, isto é, sobre o sentido que ele dá, repito, a algo escrito, um quadro, uma paisagem, a sons, imagens, coisas, ideias, situações reais ou imaginárias (Martins, 1998, p.34).

As estratégias de leitura são importantes para a compreensão leitora porque ajudam os leitores a processarem e compreenderem informações complexas de maneira eficiente e eficaz. Elas fornecem ferramentas para identificar e resolver problemas de compreensão, fazer inferências, determinar o propósito da leitura e avaliar a informação. Além disso, as estratégias ajudam os leitores a desenvolverem habilidades críticas, como julgamento, análise e avaliação, e a fazer conexões entre o que estão lendo e os seus conhecimentos prévios.

Solé (1998) afirma que é preciso ensinar estratégias para a efetiva compreensão dos textos. Ou seja, essas estratégias são responsáveis pelos possíveis caminhos da interpretação do texto pelo motivo de possibilitar que o leitor seja consciente do que entende e do que não entende. Um componente essencial das estratégias é o fato de que envolvem autodireção – a existência de um objetivo e a consciência de que este objetivo existe – e autocontrole, isto é, a supervisão e a avaliação do próprio comportamento em função dos objetivos que o guiam e da possibilidade de modificá-lo em caso de necessidade (Solé, 1998. p. 94). Com isso, percebe-se a importância que o professor tem enquanto mediador, visto que ajuda na formação de leitores competentes quando explica e estimula as principais ações necessárias para a interpretação.

Giroto e Souza (2010) explanam que existe uma preocupação por parte dos professores em relação à ordem de como devem ser as estratégias. Entretanto, as autoras afirmam que não há uma sequência propriamente dita para o ensino e que, na verdade, inicialmente recomenda-se ensinar os alunos a pensar sobre as leituras e conceder marcas, indícios das suas ideias no texto lido. E em seguida, levá-los a captar as estratégias para e na compreensão.

As estratégias que Solé (1998) expõe fazem parte de uma proposta de aprendizagem que cultiva a autonomia dos alunos. Formar leitores autônomos também significa formar leitores capazes de aprender a partir dos textos e de como fazer para ler o texto. Para isso, quem lê deve ser capaz de interrogar-se sobre sua própria compreensão, estabelecer relações entre o que lê e o que faz parte do seu acervo pessoal, questionar seu conhecimento e modificá-lo, estabelecer generalizações que permitam transferir o que foi aprendido para outros contextos diferentes (Solé, 1998).

A autora divide as estratégias de leituras em três momentos: **antes da leitura;** **durante a leitura e depois da leitura;** mas também ressalta que essas estratégias

podem e devem estar presentes ao longo de toda a atividade. É fundamental mencionar que as etapas das estratégias relacionam-se fazendo com que uma geralmente leve à outra e que, em razão disso, é muito difícil estipular limites claros sobre o início, meio e fim da leitura.

É indispensável ressaltar que os estudantes não chegam à escola sabendo usar as estratégias de leitura e que, portanto, torna-se necessário ensiná-las. É neste sentido que o ensino dessas estratégias se baseia em múltiplas situações, ou seja, não existe apenas um cenário em específico para desenvolver uma estratégia. E também, que isso não se trata de uma técnica imutável tendo em vista que a leitura é uma atividade cognitiva, logo, será guiada pelas intenções do leitor, do texto e das condições e contexto de leitura. Além disso, é preciso mostrar que não basta conhecer inúmeras estratégias de leitura, é preciso saber utilizá-las nas diversificadas situações de leitura. Solé (1998) faz a divisão de seis pontos para o que pode ser feito antes da leitura: ideias gerais; motivação para a leitura; objetivos da leitura; revisão e atualização do conhecimento prévio; estabelecimentos de previsões sobre o texto e formulação de perguntas sobre ele.

4.1 Antes da Leitura

Inicialmente, Solé (1998) fala sobre a percepção de ideal geral, isto é, sobre a concepção que o professor tem sobre a leitura e como isso conduzirá as suas experiências educativas. Ela discorre sobre alguns aspectos gerais que devem ser considerados para o ensino eficiente das estratégias de leitura. Tendo como exemplo, a leitura é como uma atividade voluntária e prazerosa e que não se limita apenas a estratégias e técnicas; o professor enquanto mediador precisa ser um exemplo; a atividade de leitura não deve ser considerada como uma competência; existem diversas situações em que a leitura pode ocorrer.

Precisamos reconhecer que, em qualquer atividade que nos propomos a realizar, um dos aspectos que garantem o seu “sucesso” é o fato de estarmos ou não motivados. Solé (1998, p.123) explica que:

para encontrar sentido no que devemos fazer – neste caso, ler – a criança tem de saber o que deve fazer – conhecer os objetivos que se pretende que alcance com sua atuação –, sentir que é capaz de fazê-lo – pensar que pode fazê-lo, que tem os recursos necessários e a possibilidade de pedir e receber a ajuda precisa – e achar interessante o que se propõe que ela faça (Solé, 1998, p. 123).

Logo, podemos entender que a motivação da leitura precisa inicialmente estar relacionada aos interesses do leitor no ato de ler. Isso quer dizer que, o aluno deve estar motivado para aprender a ler.

Como primeira etapa da proposta de atividade com as estratégias de leitura vamos apresentar a escultura Mãe Preta de Júlio Guerra (1955) no momento de “Motivação”. O intuito de mostrar uma obra de arte no início é para aguçar o interesse dos discentes uma vez que o estímulo visual pode provocar curiosidade, imaginação e tornar a experiência mais significativa. O objetivo é fazê-los ir além das especificidades textuais para perceberem que as esculturas também possuem elementos que falam sobre a diversidade cultural, a história, entre outros.

O monumento que traz uma mulher preta e também possui o nome de “Mãe Preta” faz referência às escravas negras que amamentavam os filhos das mulheres brancas no período colonial. O local onde a obra está localizada é no Largo do Paiçandu e se deu por conta da presença da Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, um espaço de referência para a comunidade afrodescendente de comemoração para as suas conquistas.

Ademais, é também no grau de desafio que o ato de ler impõe a esse aluno. Ninguém gosta de fazer nada que acredita que não é possível realizar, e com a leitura não é diferente. Com isso, torna-se necessário delimitar os objetivos da leitura – tanto os objetivos do leitor quanto os objetivos de cada leitura –, eles irão definir o que se pretende com a leitura, porque definirão quais são as estratégias responsáveis pela compreensão, e também do controle da leitura. Ou seja, como o leitor vai posicionar-se perante o texto, ocasionando desse modo a compreensão ou não do que está sendo lido.

Esses objetivos podem ser diversos e precisam que alguns aspectos sejam levados em consideração como o tipo de leitor, os tipos de textos, as diferentes situações, entre outros. É crucial enfatizar que até mesmo as situações podem ser mais motivadoras ou não. Por exemplo, quando a leitura acontece por prazer, quando se tem um objetivo claro - para resolver uma dúvida, para adquirir um novo conhecimento, para confirmar o que se compreendeu.

A autora fala sobre como *estabelecer previsões sobre o texto* e descreve sobre o potencial das previsões estabelecidas antes da leitura. E para tornar isso, possível, precisamos identificar a superestrutura, gênero, títulos, ilustrações, cabeçalhos, conhecer o autor, cenário, personagens, juntamente com o conhecimento que esses pontos contribuem para o conteúdo do texto e também, com as nossas experiências.

Dessarte, o aluno precisa ser instigado a dizer o que já sabe sobre o assunto. As hipóteses também são importantes à medida que são indispensáveis para o leitor ter o interesse de iniciar a leitura e para saber mais da história e assim, confirmar se as suas hipóteses são válidas ou se não são. E até mesmo, para perceber aquilo que não conhece.

A segunda leitura será a música *Mama África* (1995) e o título por si mesmo já expõe alguns indícios do que será dito na música. O questionamento do título da obra é uma forma de estimular e mostrar para os alunos que o título já mostra algumas informações sobre o conteúdo da música. Também é possível perceber que algumas palavras podem servir como marcas de texto para auxiliar nas possíveis interpretações sobre a temática, o contexto da música e os aspectos sociais, culturais e históricos, ou até mesmo para a incompreensão do seu significado. A saber: *Mama África // Além de trabalhar como empacotadeira // Senegal // Seus filhos se olodunzam.*

A fim de aguçar os alunos no momento antes da leitura, o professor, como figura de mediação nesse processo de aprendizagem, pode formular perguntas sobre o que vai ser lido para ajudar na compreensão, ativar conhecimentos prévios e sobretudo, demonstrar para o aluno que por meio do texto é possível responder a essas perguntas. É crucial estimular que o estudante faça as suas próprias perguntas, pois dessa forma, eles poderão autodirecionar a sua leitura. Para mais, a estratégia de formular perguntas pode ser utilizada em diferentes níveis de leitura.

4.2 Durante a Leitura

A maior parte da atividade compreensiva acontece durante a própria leitura, na qual é exigida o maior esforço do leitor. E em decorrência disso, a autora apresenta a proposta de **leitura compartilhada** como a melhor situação para que os alunos compreendam e usem as estratégias úteis em prol da interpretação dos textos. Tendo em vista que é possível que o estudante formule previsões, faça perguntas, esclareça dúvidas e resuma as ideias do texto.

Solé (1998) explica que a leitura é um processo de emissão e verificação de previsões que promovem a construção da compreensão de texto. E, para que a compreensão leitora seja possível, é preciso aplicar um número maior de estratégias: formulação de previsões, formulação de perguntas, esclarecimento de dúvidas, recapitulação de informações e resumo de ideias, avaliação da prática leitora e aplicação de novas previsões, integração do texto com os conhecimentos do leitor.

A primeira leitura é o poema Vozes-Mulheres de Conceição Evaristo e com isso, podemos gerar algumas hipóteses mediante a alguns trechos:

- “A voz de minha bisavó ecoou criança nos porões do navio”.
- “A voz de minha avó ecoou obediência aos brancos-dono de tudo”.
- “A voz de minha mãe ecoou baixinho revolta no fundo das cozinhas alheias”.

Com base nos três versos, conseguimos deduzir que a obra em questão trata sobre a feminilidade e a resistência negra através de vestígios da memória no contexto histórico de escravidão. Para mais, recordam os esforços dos seus antepassados para a construção de um futuro esperançoso para as novas gerações. Desta maneira, os leitores através do seu conhecimento prévio irão conseguir adquirir noção da temática do poema.

De acordo com Solé (1998, p.163),

Também é fundamental que as tarefas de leitura compartilhada, cujo objetivo é ensinar as crianças a compreender e a controlar sua compreensão, se encontrem presentes na leitura desde os seus níveis iniciais, e que os alunos se acostumem a resumir, a fazer perguntas, a resolver problemas de compreensão a partir do momento em que começam a ler algumas frases, e até mesmo antes, quando assistem à leitura que outros fazem para eles. Desta forma, aprenderão a assumir um papel ativo na leitura e na aprendizagem (Solé, 1983, p. 163).

Como já foi dito, o processo de leitura deve permitir que o leitor compreenda no texto, o que nem sempre está inerente à leitura. O que quer dizer que o processo de compreensão precisa ser ensinado. No tocante a isso, Solé (1998, p.116) nos diz que:

Uma primeira condição para aprender é que os alunos possam ver e entender como faz o professor para elaborar uma interpretação do texto: quais as suas expectativas, que perguntas formula, que dúvidas surgem, como chega à conclusão do que é fundamental para os objetivos que o guiam, que elementos toma ou não do texto, o que aprendeu e o que ainda tem de aprender (Solé, 1998, p. 116).

Posto isto, é primordial que o aluno participe ativamente dos processos de leituras para que seja capaz de visualizar as estratégias em ação e consiga identificar como o professor elabora hipóteses e que, ao verificá-las, criar interpretações. Todavia, não é suficiente. É necessário que o próprio aluno também o faça. E, a partir

disso, a proposta de leitura compartilhada tem o seu potencial para auxiliar o educando a desenvolver a sua competência leitora. Entretanto, também é válido comentar que a demonstração do modelo do professor por ora pode ser muito necessária e em outras circunstâncias, nem tanto. Vai depender muito do nível que o aluno se encontra.

De forma sucinta, a definição de tarefas de leitura compartilhada consiste em: o professor e os alunos exercerem de modo alternado - às vezes, o professor, e em outro momento, os alunos - a responsabilidade de estruturar a atividade de leitura e envolver os outros na mesma.

Na proposta de leitura compartilhada, professor e aluno devem ler o texto ou um trecho do texto em silêncio ou em voz alta e posteriormente o professor explica um resumo do que foi lido e questiona o entendimento para a turma. Depois pode solicitar explicações ou esclarecimentos sobre possíveis dúvidas e, em seguida, formular uma ou algumas perguntas em que torna a leitura necessária à resposta. Por último, após a atividade, indicar as suas previsões sobre o que ainda não foi lido repetindo desse modo o ciclo - ler, resumir, solicitar esclarecimentos, prever - através de um novo agente. Um dos pontos mais pertinentes deste tipo de tarefa é a transferência da responsabilidade e o controle da tarefa de leitura: das mãos do professor para as mãos do aluno.

A segunda técnica é a **leitura independente** para usar as estratégias que já foram assimiladas. É realizada quando os estudantes leem sozinhos, em aula ou em suas casas, tanto com a finalidade de ler por prazer como para fazer alguma atividade e com isso, devem poder usar as estratégias que estão aprendendo. Em outras palavras, é quando o leitor passa a determinar o seu próprio ritmo de leitura e age com o texto e suas finalidades. Constata-se a importância da leitura independente e, portanto, a escola deve promover o uso de determinadas estratégias em atividades de leitura individual.

A terceira e última estratégia que pode ser aplicada durante a leitura tem relação com **os erros e as lacunas na compreensão**. Seja por não conhecer o significado de alguma palavra, ou por criar um significado que não é coerente com a análise do texto ou até mesmo, quando se tem várias interpretações aceitáveis para uma frase ou uma palavra. A autora explica que é indispensável detectar os erros ou as lacunas porque esse é o primeiro passo para o controle que temos sobre o que compreendemos. Sobre essa perspectiva, Solé (1998) contempla que a questão dos erros e do que se faz quando eles são detectados é da maior importância, pois nos

informam – e isto pode parecer um paradoxo – sobre o que o leitor compreendeu, sobre o que ele sabe ou não sabe que compreendeu e sobre sua possibilidade de tomar decisões adequadas para resolver o problema.

Isso quer dizer que, até mesmo quando uma leitura não é compreendida, torna-se necessário identificar onde e o que não foi compreendido, pois sabendo dessas respostas, o leitor poderá utilizar estratégias para construir um entendimento plausível e controlar a sua própria compreensão. Solé (1998) indica que:

Em suma, nem todos os erros são iguais, nem todos têm o mesmo significado e importância para o projeto de construir uma interpretação do texto, e conseqüentemente não cabe reagir do mesmo modo antes deles. Ensinar a ler também significa ensinar a avaliar o que compreendemos, o que não compreendemos e a importância que isto tem para construir um significado a propósito do texto, assim como estratégias que permitam compensar a não compreensão. Torna a ser uma questão de incentivar uma leitura ativa, em que o leitor sabe o que lê e por que o lê, assumindo, com a ajuda necessária, o controle de sua própria compreensão (Solé, 1998, 130.)

Sendo assim, percebemos que é recomendado conversar com os alunos sobre os objetivos da leitura; trabalhar com materiais que provoquem desafios e motivação; incentivar e demonstrar que os estudantes possuem conhecimentos prévios e que podem utilizá-los para compreender a leitura; ensinar a inferir, a fazer conjecturas, a se arriscar e a buscar validação para suas hipóteses; mostrar sobre o que pode ser feito quando problemas nos textos forem encontrados. E tudo isso será executável se a atividade de leitura for significativa para que seja possível ao aluno implementar as estratégias estudadas.

Uma condição que também devemos considerar e ter uma certa atenção é em relação às estratégias que causam a interrupção da leitura. E isso na verdade, só deve ter fundamento se a palavra em questão atrapalhar realmente a compreensão do texto, porque quando a leitura é interrompida e o leitor perde o seu foco deve-se avaliar se é realmente preciso fazer essa pausa. É necessário avaliar o que vai trazer dificuldade de fato para a compreensão ou então, se no decorrer do texto, o contexto contribuirá para um melhor entendimento dessas dúvidas.

4.3 Depois da Leitura

No decorrer do nosso texto, discutimos sobre o processo que auxilia na elaboração da compreensão antes e durante a leitura. Contudo, da mesma forma, precisamos expor quais as estratégias devem ser feitas depois da leitura realizada.

Nesta fase, uma estratégia importante é identificar a ideia principal do texto lido. O entendimento da ideia principal é um indicativo de compreensão da leitura, pois é o momento em que o estudante poderá constatar se as estratégias que utilizou durante a leitura foram suficientes para o seu entendimento. Solé (1998) apresenta as seguintes estratégias para o momento depois da leitura: identificação da ideia principal, elaboração de resumo e formulação e resposta de perguntas.

4.3.1 A ideia principal

A ideia principal de um texto informa sobre o enunciado ou enunciados mais importantes que o autor utiliza para explicar o tema. Ela pode estar evidente no texto e aparecer em qualquer ponto dele ou pode estar implícita. Para encontrá-la, deve-se responder à seguinte pergunta: qual é a ideia mais importante que o escritor quer esclarecer com referência ao tema? Desse modo, o papel do professor equivale a oferecer a ajuda para que os estudantes assimilem estratégias que permitam uma leitura fluida, autônoma e eficaz.

A autora define a ideia principal como sendo resultado da combinação entre os objetivos de leitura que guiam o leitor, entre os seus conhecimentos prévios e a informação que o autor queria transmitir mediante seus escritos. E é por meio da ideia principal que o leitor vai poder aprender a partir de sua leitura e ser capaz de obter senso crítico do assunto, ter autonomia e até mesmo elaborar resumos, fazer comentários relativos à leitura.

É interessante mostrar para o leitor que alcançar a ideia principal de um texto é um caminho que possui algumas particularidades do processo da leitura como os objetivos da sua leitura, os seus conhecimentos prévios.

4.3.2 Elaboração de Resumo

A elaboração de resumos é precisamente relacionada às estratégias para indicar o tema de um texto, gerar ou comprovar sua ideia principal e seus pontos secundários. Comumente é baseado nos nossos esquemas de conhecimento e interpretação. À vista disso, o resumo impõe a identificação das ideias principais e como o leitor consegue relacioná-las perante os seus objetivos de leitura e conhecimentos prévios. Ademais, o ato de resumir também é uma estratégia de organização do conhecimento e com isso, poderá mostrar ao leitor como está o seu controle de compreensão leitora.

Além disso, é essencial elucidar que a preparação de um resumo não é uma reprodução do texto propriamente dito, no entanto, é necessário preservar o significado genuíno do texto em questão. Portanto, para elaborar um resumo é preciso levar em consideração a informação que o texto contém, mas também, é importante que o leitor possa escolher por omitir, selecionar, generalizar e inclusive, integrar novas informações que sejam articuladas com o conteúdo.

4.3.3 Formulação e Respostas a Perguntas

É significativo mencionar que, apesar de o método de formular e responder perguntas ocorrer no contexto escolar como um parâmetro avaliativo, ensinar a formular e responder perguntas é uma estratégia que tem potencial para uma leitura ativa. Tendo em vista que quando o leitor é capaz de fazer e responder a perguntas sobre o texto, ele também está regulando o seu processo de percepção. Mais uma vez, é imprescindível que os alunos aprendam sobre como formular perguntas por meio de um modelo do seu professor. E mais que isso, é fundamental que o leitor decida a formulá-las e com isso, precisa ter a oportunidade de fazê-las.

Solé (1998) através do aporte teórico de Pearson e Johnson (1978) lista os três modos de como as perguntas podem ser:

Perguntas de resposta literal: Perguntas cuja resposta se encontra literal e diretamente no texto.

Perguntas para pensar e buscar: Perguntas cuja resposta pode ser deduzida, mas que exige que o leitor relacione diversos elementos do texto e realize algum tipo de inferência.

Perguntas de elaboração pessoal: Perguntas que tomam o texto como referencial, mas cuja resposta não pode ser deduzida do mesmo; exigem a intervenção do conhecimento e/ou a opinião do leitor (Solé, 1998, p. 156).

Logo, constatamos que ensinar a ler significa avaliar o que foi compreendido, e o que não foi, assim como perceber a importância que isto tem para desenvolver um significado do texto. Torna-se necessário estimular a leitura ativa, onde o leitor sabe o que lê e as suas intenções manifestando o controle de sua própria compreensão.

Ainda no tocante às Estratégias de Leitura, apresentamos os estudos de Giroto e Souza (2010) porque coincidem com a concepção de leitura que estamos descrevendo na nossa pesquisa. As autoras explicam o quanto trabalhar com estratégias de leitura possibilitam ao leitor ampliar e transformar os processos mentais

de conhecimento e também, como compreender um texto literário. E é essencial que o professor promova situações de leitura em que os próprios leitores possam monitorar e ampliar a compreensão leitora ativando os conhecimentos de mundo e linguístico através das estratégias de leituras. E também porque tratam da ativação das estratégias em três diferentes momentos: pré-leitura, durante a leitura e depois da leitura, da mesma forma que Solé (1998) apresenta.

Dentre as possibilidades que Girotto e Souza (2010) sugerem para o ensino de estratégias de leitura, temos as oficinas de leitura a partir das vivências e experiências de leituras. E é justamente por conta disso que o aporte teórico das autoras contribuiu no desenvolvimento deste trabalho. Uma das propostas de atividade elaborada tem o Círculo de Leitura como base e mesmo que as duas metodologias possuam diferenças, podemos encontrar semelhanças significativas. Tendo como exemplo, um dos objetivos das oficinas de leitura, assim como é nos círculos de leitura, é a leitura de obras com grupo de leitores em que há o compartilhamento das impressões, dos sentidos que foram construídos com os textos por meio do diálogo.

As estratégias de leitura de Girotto e Souza (2010) são divididas em: conhecimento prévio; síntese; questionamento; conexão; inferência; visualização e sumarização. A ativação de conhecimento prévio é considerada como uma estratégia essencial visto que é a partir dela que o leitor compreende o que está sendo lido e consegue ativar as outras estratégias. A síntese é um tipo de estratégia que decorre quando associamos o que lemos com as nossas impressões pessoais, reformulando o próprio texto, listando as informações essenciais e relacionando com o nosso conhecimento. Sintetizar é muito mais do que resumir e os alunos obtêm uma percepção mais completa do texto quando sintetizam. O questionamento - ato de fazer perguntas ao texto - ajuda na compreensão da história porque auxilia que os leitores aprendam com o texto, e percebam as pistas dadas pela narrativa, contribuindo assim para o entendimento. Além disso, é fundamental que o aluno veja que as dúvidas que surgem no texto são respondidas no decorrer da leitura corroborando para um maior apreço na prática leitora. Mas também, é importante dizer que o texto pode ou não responder a essas perguntas e isso também caracteriza a leitura.

As conexões direcionam o leitor para ativar a sua erudição relacionando o conhecimento que já possui com as informações adquiridas com aquilo que está lendo. Em função disso, lembrar de experiências pessoais importantes, de outras

leituras e dos fatos que acontecem no mundo, na sua cidade ajudam em uma compreensão melhor do texto. E o propósito de fazer conexões é aumentar o entendimento para que o leitor não interprete o texto para áreas que ultrapassam os limites da interpretação, ou seja, para que o leitor não tenha conexões descontextualizadas. As autoras falam de três maneiras como isso pode acontecer: conexão texto-texto, quando o leitor faz relação do texto lido com outro texto; conexão texto-leitor, ocorre através das relações estabelecidas entre o texto e a vida/experiência do leitor; e a conexão-mundo, quando o leitor faz relação entre o texto lido e os acontecimentos do mundo (Giroto; Souza, 2010).

Podemos dizer que a visualização e a inferência são estratégias bem próximas em seus modos de realização porque é muito comum utilizá-las sem perceber. Assim dizendo, a estratégia de inferência é quando o leitor utiliza os seus conhecimentos prévios em conjunto com o texto a fim de estipular expectativas sobre o que vai acontecer ou quais informações o texto possuirá e que ainda não está explícito. Podemos dizer que fazer inferências é “ler nas entrelinhas”. E a estratégia de visualização ocorre quando elaboramos imagens pessoais da história em nossa mente e isso mantém a nossa atenção propiciando que a leitura se torne significativa porque quando visualizamos estamos criando significados.

As autoras exibem a pesquisa de Owocki (2003, p.10) sobre a relevância da visualização nas estratégias de leitura e levando em consideração os objetivos deste trabalho concordamos com o ponto que diz: “Pessoas que leem sem visualizar estão apenas passando os olhos por cima do texto, perdendo a experiência de adentrar completamente que vem da utilização de todas as fontes da mente para entender de fato o que leem.” A afirmação além de enfatizar a importância do uso da estratégia de visualização também nos faz perceber que o conhecimento prévio e as experiências dos estudantes são aspectos essenciais no processo de aprendizagem da leitura, nos tipos de textos que são ofertados em sala de aula e para o sucesso das estratégias que os leitores poderão usar para ler melhor. Haja vista que não conseguimos imaginar algo sobre um assunto que não conhecemos. Por fim, temos a sumarização que consiste em extrair a essência do texto. Aquilo que é essencial para que possamos entendê-lo. E isto pode contribuir para os objetivos que almejamos em cada leitura.

Como fundamentação teórica para uma das propostas de atividades que estamos oferecendo em nosso trabalho é essencial trazer os estudos sobre Círculos de Leitura para conhecimento do seu funcionamento à medida que esta será uma das

bases para a proposta pedagógica.

5.0 Círculos de Leitura

Ao longo deste trabalho, discutimos o quanto a leitura é um manancial de transformação nas nossas vidas independente do seu âmbito. E mais uma vez, precisamos dizer: a leitura nos faz perceber o mundo e perceber no mundo que não estamos sozinhos. E é a partir dessa premissa que vamos dar início à discussão sobre o Círculo de Leitura.

As contribuições sobre o início dos Círculos de Leitura no nosso país são um pouco escassas e não possuem muitos registros, mas Yunes (1999, p. 20) explica que “ler em círculos não é novo: novo é o uso do círculo para aproximar os leitores nas trocas de suas interpretações” e através dos estudos da professora constatamos que a leitura em voz alta era uma prática leitora comum no século XIX no Brasil. E apesar de todos os problemas sociais enfrentados durante essa época como analfabetismo em excesso, a leitura para uma minoria, a falta de textos e livros, isso não foi um impedimento para os leitores se reunirem para cultivar o hábito de ler, de ser uma distração, e compartilhar opiniões sobre o texto lido. Em síntese, a leitura compartilhada já existia desde o primórdio, mesmo que não tenha dito a nomenclatura e a performance dos círculos de leitura conforme encontramos atualmente.

Além disso, também podemos falar sobre o Círculo de Cultura proposto por Paulo Freire na década de 1960 que foi um dos primeiros métodos que considerava a construção do conhecimento por meio do diálogo. Os círculos de cultura valorizavam o diálogo, respeito ao outro, a participação, o trabalho em grupo e a criticidade. Freire (1991) definia que o círculo era organizado em um grupo de trabalho e de debate. O interesse central era o debate da linguagem no contexto de uma prática social livre e crítica. Nessa perspectiva, o círculo de cultura se assemelha ao Círculo de Leitura, haja vista que os dois têm pressupostos de estimular a autonomia do leitor/aluno.

O Círculo de Leitura é uma estratégia importante para estimular a leitura, fomentar o senso crítico e o diálogo entre os alunos. É um espaço de trocas em que os indivíduos podem se posicionar espontaneamente, além de promover a participação ativa de todos na discussão. É organizado estruturalmente em sequências didáticas para que os professores possam sistematizar os passos da

atividade articulando o texto literário com diferentes tipos de textos e linguagens.

Cosson (2014, p.154) define que os Círculos de Leitura são:

os círculos de leitura são exemplos de como comunidades de leitores podem ser organizadas e ter seus protocolos de leitura explicitados para os grupos. É por isso que se pode dizer que os círculos de leitura são espaços sociais nos quais as relações entre textos e leitores, entre leitura e literatura, entre o privado e o coletivo são expostas e os sentidos dados ao mundo são discutidos e reconstruídos. Participar de um círculo de leitura é compartilhar com um grupo de pessoas as interpretações dos textos com as quais construímos nossas identidades e da sociedade em que vivemos (Cosson, 2014, p.154).

Logo, compreendemos que os Círculos de Leitura possuem um caráter formativo, proporcionando uma aprendizagem coletiva e colaborativa ao ampliar o horizonte interpretativo da leitura individual por meio do compartilhamento das leituras e do diálogo em torno da obra selecionada. E que não se restringe ao espaço escolar funcionando dessa forma, em diversos cenários e com objetivos distintos.

Cosson (2009) explica que na escola um Círculo de Leitura é uma estratégia privilegiada de letramento literário, pois possui um caráter formativo essencial ao desenvolvimento da competência literária e cria possibilidades para estreitar laços sociais.

O autor apresenta 03 definições para os tipos de Círculos de Leitura: estruturado; semiestruturado; aberto ou não estruturado. O primeiro tipo segue uma organização com papéis estabelecidos para cada integrante e um roteiro para conduzir a discussão e o registro antes ou depois da discussão. O círculo semiestruturado não segue um roteiro, mas tem orientações que guiam as atividades dos leitores. Por fim, o círculo aberto ou não estruturado atua como se fosse um clube de leitura em que não existe a necessidade de roteiros pré-estabelecidos. É um formato mais espontâneo.

Cosson (2014) descreve alguns passos para a elaboração de uma atividade com o Círculo de Leitura: preparação; execução; avaliação. No entanto, antes de mais nada, quando se trata de leitores que nunca participaram de um Círculo de Leitura, é muito importante que seja feita uma apresentação sobre a definição do que é um Círculo de Leitura e a sua importância, e falar de modo geral sobre as etapas desse processo.

Inicialmente, é essencial que a primeira etapa do círculo esteja organizada com a seleção das obras, a disposição dos participantes e a sistematização das reuniões.

E é importante declarar que a escolha da obra seja motivada pela disposição dos participantes através dos interesses e dos seus objetivos de leitura. Ademais, um Círculo de Leitura deve ser minimamente organizado para ter uma boa operação: o cronograma, o meio, locais dos encontros, as funções de cada participante e as regras da convivência.

A seleção das obras cumpre dois princípios básicos: o primeiro é que não há um texto ideal para os Círculos de Leitura e que, na verdade, os textos devem ser apropriados para a comunidade de leitores seguindo os seus objetivos e interesses. E o segundo princípio é que a escolha dos textos deve advir dos leitores.

Com o propósito da prática do Círculo de Leitura na sala de aula, é oportuno explicar que a escolha das obras é definida por seus objetivos formativos e que a maneira usual corresponde em disponibilizar uma lista de obras previamente selecionadas para que os alunos possam decidir. Os textos devem ser apresentados um a um pelo professor com a explanação da pré-seleção, assim como, os alunos precisam manusear todos os materiais para um contato mais relevante. Por fim, a turma precisa escolher os textos de sua preferência. É crucial apontar que a seleção das obras tem que levar em consideração que a turma, possivelmente, não estará no mesmo nível de leitura e, em decorrência disso, os textos devem contemplar os diferentes níveis de dificuldades de leitura dentro do horizonte de competência da turma. Apesar disso, mesmo que os leitores não estejam no mesmo nível, as divergências podem ser equiparadas com a dinâmica interna dos grupos.

É relevante mencionar que estamos utilizando a Proposta Curricular do Ensino Médio do estado da Paraíba ¹ direcionado para as escolas públicas e privadas das redes estadual e municipal do território paraibano durante o ano de 2023. Em decorrência disso, as obras foram selecionadas de acordo com a organização curricular de Língua Portuguesa e as sugestões para o trabalho com a Literatura apresentadas neste material. Com o intuito de cumprir com os objetivos de aprendizagem impostos para os 1º e 2º anos do Ensino Médio, optamos por escolher trabalhar com as autoras: Conceição Evaristo, Jenyffer Nascimento. Temos a presença da tirinha Santos 06 de Leandro de Assis para abranger um dos objetos de conhecimento que o manual aponta.

Um aspecto do Círculo de Leitura se dá pelo fato de que pode ocorrer com a

¹ O material da Proposta Curricular do Ensino Médio está disponível neste link: <https://drive.google.com/file/d/1q7hNWJL7ScfzW26dAjqXai9oUVpLs4Zf/view>

leitura de diversas obras relacionadas pela mesma temática, da mesma época, do mesmo gênero, do mesmo autor ou qualquer outro elemento do interesse do grupo. Conseqüentemente, nesses casos não haverá a discussão da obra em si mesma, mas sim sobre os seus elementos e contextos.

Após a escolha das obras, deve-se fazer a disposição dos leitores. Inicialmente, é proveitoso conhecer a história do leitor através de questionários para verificar as experiências leitoras, o preenchimento de uma ficha sobre a motivação em participar de um Círculo de Leitura, consultar os registros da biblioteca. É indispensável conhecer o leitor para contribuir na seleção das obras e para identificar a competência leitora e literária.

Um ponto pertinente é discorrer sobre a organização dessa atividade. Do mesmo modo que é essencial fazer a disposição dos participantes, a seleção das obras, é primordial escolher o meio, o calendário, o local dos encontros (virtualmente, presencial ou a junção dos dois), as regras da convivência e as funções de cada um. No que se refere ao calendário na escola, as aulas destinadas ao Círculo de Leitura devem ser semanais ou quinzenais, a depender do que é feito na área da leitura conforme indica Cosson (2014). Os encontros são baseados na quantidade e extensões das obras que podem ser divididas em partes ou em capítulos. Entretanto, é oportuno evidenciar a importância do calendário para que os alunos entendam o Círculo de Leitura como uma atividade sistemática e que necessita do comprometimento de cada um.

A etapa seguinte, é a *execução*, a atividade de leitura pode ser dividida em três fases: o ato de ler, o compartilhamento e o registro. A primeira fase refere-se ao ato de ler: é o encontro intransferível do leitor com a obra. Neste ponto, necessitamos discutir sobre a ideia que se tem sobre o ato de ler como algo solitário e individual. Apesar de qualquer forma de ler ser válida, quer seja de modo individual ou coletivo, o Círculo de Leitura aparece como uma possibilidade de leitura coletiva, em voz alta. Portanto, constata-se que todas as maneiras de ler são autênticas, contanto que oportunizem um efetivo encontro entre o leitor e a obra. Ou seja, é preciso que os alunos leiam os textos, pois, sem isso, o círculo não tem como começar e até mesmo, existir.

Dando continuidade, temos o compartilhamento que é dividido em duas etapas: a preparação para a discussão - a anotação das impressões, dos personagens mais marcantes e trechos sublinhados. Também pode ser feita por meio de diário de leitura, *post-it* e rabiscos ao pé da página durante ou logo após a leitura.

No ambiente escolar, por se tratar de um círculo estruturado, esses comentários devem ser acompanhados pelo professor e essa formalização pode ser uma forma mais elaborada de comentário. O professor pode utilizar as fichas de funções dos círculos de leitura e também, demandar a criação de perguntas que poderão ser utilizadas durante a conversa.

Cosson (2014) utiliza as fichas de função que Daniels (2002, p.107-132) elaborou como forma de registro e que ajudam a explorar o texto. Nas propostas de círculos de leitura, esses cartões direcionam a discussão guiando os leitores menos experientes na leitura compartilhada da obra. São elas:

Quadro 01: Fichas de função

Conector	correlacionar a obra com a vida;
Questionador	preparar pergunta sobre a obra com cunho analítico;
Iluminador de passagens	selecionar uma passagem para mostrar a sua beleza, sua importância ou incompreensão do texto;
Ilustrador	oferecer imagens para ilustrar o texto;
Dicionarista	escolher palavra difíceis ou importantes para a leitura;
Sintetizador	fazer o sumário da obra;
Pesquisador	buscar informações do contexto;
Cenógrafo	retratar as cenas principais;
Perfilador	expor o perfil dos personagens mais interessantes;

Fonte: Elaborado pela autora, com base em Cosson (2014).

Evidentemente que nem todas as funções precisam ser contempladas por um grupo. Depende muito da dinâmica da prática de leitura que está sendo proposta e também, o docente pode ficar à vontade para criar novas funções de acordo com a característica do texto a ser lido e da turma. As funções dos participantes precisam

ser estabelecidas antes do momento da leitura e também os acordos de convivência.

Na proposta de atividade deste Círculo de Leitura, damos a indicação que sejam priorizadas algumas funções entre os leitores e alguns caminhos que podem ser feitos em cada função a partir das obras que serão trabalhadas. É importante mencionar que é recomendado que seja realizado um sorteio dessas funções entre os estudantes para manter um ambiente democrático. No que concerne às fichas de funções e relacionando-as com as obras que serão trabalhadas, podemos ilustrá-las desse modo:

Para o conto “Maria” de Conceição Evaristo elencamos três funções para exemplificar possíveis alternativas que o discente pode optar na respectiva função:

- Conector: Para correlacionar os fatos que ocorrem no enredo de Maria com a vida “real” temos que procurar fatos e notícias que também elucidam a mesma problemática que aconteceu no conto.

Após realizar uma busca em alguns sites de notícias na internet, podemos mostrar 02 reportagens que retratam cenários vividos por mulheres negras que são muito parecidos com o que aconteceu com Maria.

Figura 01: Reportagem sobre uma jovem negra acusada de furto

RACISMO

Jovem negra é acusada de furto na Renner: "Foi preconceituosa, sim"

Awdrey Ribeiro foi acusada de roubar um casaco, cuja marca sequer existe no shopping em que estava

Redação
Brasil de Fato | São Paulo (SP) | 13 de novembro de 2022 às 17:55

Fonte: Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2022/11/13/jovem-negra-e-acusada-de-furto-na-renner-foi-preconceituosa-sim>. Acesso: 08 out. 2023.

O exemplo da reportagem nos mostra que a realidade de preconceito ultrapassa os limites da ficção como vimos na leitura de Maria. O racismo estrutural existe e infelizmente acontece todos os dias na nossa sociedade com diversas pessoas e, falando desse caso, as mulheres negras, acabam passando por situações em que sofrem preconceitos e são acusadas injustamente só porque são negras e pobres.

Figura 02: Reportagem sobre uma mulher negra presa injustamente

"Fui no inferno e voltei", diz mulher negra presa injustamente

Karen Cristina, de 29 anos, foi presa acusada de roubar a casa de um policial aposentado mesmo após a vítima identificar a verdadeira suspeita como uma mulher branca, loira e magra

Por: Dindara

11 ago 2022 - 12h27 (atualizado às 14h12)

Compartilhar 

[Exibir comentários](#)

Disponível em: <https://www.terra.com.br/nos/fui-no-inferno-e-voltei-diz-mulher-negra-presa-injustamente,2638aa8b286cf2cca7633860f198d903r4rq7n1m.html>. Acesso: 08 out. 2023.

Em mais um exemplo de reportagem vemos a mesma problemática com uma outra mulher negra em um período diferente: uma segunda acusação por um crime que não foi cometido. E neste caso, é ainda pior tendo em vista que a mulher foi presa injustamente.

Os dois exemplos nos mostram que o racismo e o preconceito ocorrem com frequência com a população negra. E foi por causa disso que fizemos a sugestão da ficha de função “conector” para poder correlacionar a obra que está sendo estudada em sala de aula com a vida no cotidiano.

Para a segunda ficha de função, iluminador de passagens, que consiste em selecionar trechos da história para explicar a sua importância, incompreensão ou beleza, podemos indicar alguns trechos que evidenciam partes da narrativa que emocionam e que englobam outros problemas sociais além do racismo que é o fator da tragédia em questão.

Exemplo 01: Conto “Maria”

No dia anterior, no domingo, havia tido festa na casa da patroa. Ela levava para casa os restos. O osso do pernil e as frutas que tinham enfeitado a mesa. Ganhara as frutas e uma gorjeta. O osso, a patroa ia jogar fora. Estava feliz, apesar do cansaço. A gorjeta chegara numa hora boa (*In: Olhos d'água*, p. 39-42).

Ainda que o conto “Maria” narre uma história triste e de injustiça, nas entrelinhas dos

pensamentos que a própria Maria fala ao longo do texto dá para perceber que, apesar da pobreza e do trabalho pesado, a personagem nos dá evidência de ser uma boa mãe e antes de tudo, é um ser humano sensível e que também merece ser feliz.

Logo, é assertivo fazer com que os alunos possam perceber que o texto pode ter essas entrelinhas e que é bastante significativo para a história.

Exemplo 02: Conto “Maria”

O comparsa de seu ex-homem passou por ela e não pediu nada. Se fossem outros os assaltantes? Ela teria para dar uma sacola de frutas, um osso de pernil e uma gorjeta de mil cruzeiros. Não tinha relógio algum no braço. Nas mãos nenhum anel ou aliança. Aliás, nas mãos tinha sim! Tinha um profundo corte feito com faca a laser que parecia cortar até a vida (*In: Olhos d’água*, p. 39-42).

A partir de uma outra perspectiva, observamos que este trecho já comunica que a trama começa a ter um enredo mais sério em decorrência do início da ação do assalto. Para além disso, também conseguimos captar novamente o quanto Maria era uma mulher pobre já que se fossem outros assaltantes ela não teria nada para dar, além dos alimentos que havia ganho na casa de sua patroa.

Exemplo 03: Conto “Maria”

Ouviu uma voz: “*Negra safada, vai ver que estava de coleio com os dois*”

“*Lincha! Lincha! Lincha!* Maria punha sangue pela boca, pelo nariz e pelos ouvidos.” A sacola havia arreventado e as frutas rolavam pelo chão. Será que os meninos iriam gostar de melão? (*In: Olhos d’água*, p. 39-42).

Para a ficha de função do tipo Cenógrafo em que é estipulado retratar as cenas principais e com isso, priorizamos oferecer exemplos que retratam as informações de como sucedeu o desfecho, a acusação por parte dos outros passageiros do ônibus e a morte cruel de Maria sem ela nem mesmo ter culpa.

Através das falas dos outros passageiros dos ônibus fica nítido o quanto o racismo e a percepção que algumas pessoas têm para a população negra é direcionada para o aspecto negativo, de crime. E infelizmente, como podemos constatar através da ficha de função “conector” o cenário de Maria ultrapassa o mundo da ficção.

Na tirinha “Santos 06” desenvolvemos duas fichas de função, a do questionador e do perfilador, para indicar as possibilidades para serem trabalhadas.

A primeira função é de questionador, e consiste em preparar um questionamento acerca da obra com cunho analítico.

Exemplo 04: Tirinha “Santos 06”

“Viram a novela? A cena em que a empregada chama a patroa de racista? Achei desnecessário”.

Com a finalidade de uma análise mais crítica a respeito da fala que a personagem faz, podemos fazer o questionamento sobre o porquê uma pessoa acharia desnecessário alguém falar que a sua patroa é racista. E é interessante refletir que o contexto da situação e neste caso, da história da tirinha, interfere diretamente na opinião que podemos ter a respeito dessa fala. A personagem que comenta sobre o absurdo retrata uma senhora de meia-idade, branca e com privilégios. Outrossim, as outras falas dessa senhora ao longo da história também mostram o quanto ela também acaba sendo preconceituosa e racista. Logo, já podemos entender o porquê dela achar um absurdo que uma empregada fale isso sobre a patroa.

Para a função perfilador, sugerimos um outro contexto de uma outra personagem que está na mesma história da tirinha para mostrar a diferença de seu perfil e até mesmo, que pode servir como contraponto para a fala da senhora que comentamos acima.

Exemplo 05: Tirinha “Santos 06”

“Já até mandei o papo: se a polícia te parar, não olha nos olhos, chama de senhor e abre e abre a mochila sem reclamar. Lembra que tu é preto”.

A personagem em questão é a empregada da família, é uma mulher negra e é mãe. Na situação ela comenta justamente sobre as atitudes que o filho não deve ter quando encontrar a polícia na rua por ser “preto”. Diante disso, já conseguimos visualizar uma outra vivência que esta mulher deve ter e que é bem diferente do cenário da sua patroa que na mesma tirinha fala o quanto é desnecessário uma empregada chamar a sua patroa de racista. Podemos, inclusive, constatar que em diferentes trechos podemos utilizar estratégias de diversas funções.

A respeito do momento durante a leitura, gostaríamos de elucidar sobre como o diário de leitura pode auxiliar o leitor. Cosson (2014) diz que o diário de leitura é um registro das impressões que o leitor tem durante a leitura do livro. Onde pode fazer comentários sobre a dificuldade de compreensão de certas palavras, transcrição de

trechos, recordações de vivências, avaliação da ação das personagens, entre outros. A partir do diário de leitura, fica evidente o diálogo entre leitor e texto. Apesar de ser uma prática particularmente individual, pode ser feita de modo compartilhado. E é válido ressaltar que é essencial que o professor também participe da atividade como um leitor.

Logo em seguida, passa-se para a discussão propriamente dita - o compartilhamento sobre o texto lido. As conversas entre os leitores ocorrem com o propósito de compartilhamento. É apropriado falar que não é um espaço de ensinamento. Os membros dos círculos irão partilhar sobre as suas impressões de leitura e isso não precisa ser aceito pelos outros. É apenas um momento de exposição: não há certo e errado. Conforme Cosson (2014, p.170) afirma:

Daí a importância que o círculo de leitura seja um espaço de compartilhamento efetivo, um ambiente de confiança, uma oportunidade para se dividir a leitura e experiências pessoais, até porque a leitura de uma obra sempre envolverá, de uma forma ou de outra, a experiência prévia do leitor, seus conhecimentos formais e informais do mundo (Cosson, 2014, p. 170).

Por não se tratar de respostas certas ou erradas, as perguntas devem ser legítimas com a finalidade de efetivamente entender e compreender o que se leu em comum. E esses questionamentos não têm o objetivo de averiguar se o participante fez ou não a leitura.

Finalmente, o professor deve determinar alguns minutos para a miniaula como uma espécie de modelagem. A ocasião serve como orientação para os grupos em relação ao bom funcionamento do debate e das leituras abrangendo as habilidades sociais, os modos de leitura e informações sobre a obra. As miniaulas não são um espaço dedicado para o ensino e sim para responder às necessidades reais do desenvolvimento das atividades do Círculo de Leitura.

A última fase referente à execução do Círculo de Leitura é o registro. É o momento em que os leitores refletem sobre como estão lendo e o funcionamento do grupo, e também sobre a obra e a leitura compartilhada. Acontece no final da leitura da obra e pode ser realizado de modo coletivo, em pares ou de modo individual. E nenhuma dessas alternativas elimina a outra. O registro pode ser preparado de diversas formas: diário de leitura, gráfico com todos os personagens, linha do tempo sobre a história, um sarau, relatório de leitura escrito ou por meio de vídeo, memorização da história para um momento de contação, entre outras formas. Para

além da escola, o registro também é um recurso importante nos círculos de leitura fora do ambiente escolar.

Cosson (2014) explica que os Círculos de Leitura na escola precisam ter **avaliações** mais sistemáticas e sistematizadas. Isso quer dizer que, se pode aproveitar o protagonismo que os círculos de leitura propiciam para os participantes e desenvolver dinâmicas paralelas e combinadas de autoavaliação. Uma das alternativas é a filmagem das discussões para que, posteriormente, os alunos juntamente com o professor possam analisar o conteúdo desses vídeos e os aspectos que mais acharam relevantes, listando os pontos positivos e também o que pode ser melhorado. É uma atividade de autoavaliação que pode ser realizada em grupo ou individual. Uma segunda sugestão de avaliação e autoavaliação é a criação de listas de boas práticas no final da leitura de cada livro pelos grupos. Outrossim, a avaliação também pode ser feita através da leitura dos diários de leitura. Em que o professor pode analisar questões relacionadas à formação do leitor, fortalecimentos de habilidades cognitivas e ao conhecimento literário. E também, os registros construídos ao final da leitura de cada obra.

Yunes (1999) apresenta a metodologia dos Círculos de Leitura como uma atividade pedagógica que desenvolve a competência leitora e a formação crítica dos alunos. O seu aporte teórico traz a definição que o Círculo de Leitura se constitui como espaço de diálogo, de reflexão e de produção de sentido a partir da leitura de textos literários, lugar em que se tem oportunidade de expressar, livremente e com respeito às ideias e opiniões.

Para a autora, no Círculo de Leitura há a valorização do conhecimento prévio do leitor, da sua vivência e da sua visão de mundo e isso oportuniza que novos conhecimentos sejam gerados para ser possível compreender todos os múltiplos significados que uma leitura pode ter. Para Yunes (1999), os Círculos de Leitura viabilizam uma experiência positiva na formação leitora e isso serve como incentivo para os leitores para o prazer de ler. Dessa forma, conforme a autora citada indica, o Círculo de Leitura é uma “estratégia de sedução” para a prática leitora.

No artigo "Círculos de Leitura: teorizando a prática", Yunes (1999) elenca alguns aspectos que devem ser considerados para a execução de um Círculo de Leitura: a seleção da obra deve considerar as características e interesses dos participantes do Círculo de Leitura, bem como seu nível de leitura e compreensão; é fundamental organizar a dinâmica do círculo com cronograma, local e horários estipulados; entre outros. Ainda segundo a autora, a abordagem com os Círculos de

Leitura não incentiva a competição entre os seus participantes e sim, o compartilhamento de ideias na construção de sentido de modo coletivo.

Além de tudo, do ponto de vista de Yunes (1999) não se deve hierarquizar interpretações e muito menos demonstrar uma interpretação autorizada. O Círculo de Leitura é o espaço onde as mais variadas leituras, os modos de ler de uma obra definida são aceitas, mas não se pode perder de vista o seu contexto.

Souza (2012, p.100-101) traz a definição para os Círculos de Leitura como:

Um círculo é um espaço onde a leitura cheira a liberdade, sem o ranço teorizante das salas de aula, nem a presença de um erudito centralizando as discussões. Os participantes têm sua voz respeitada e ouvida. Ao mesmo tempo, é solicitado de seus participantes/leitores compromisso com a existência e o funcionamento da atividade, pois não basta ter vontade, é preciso que, num espaço de construção coletiva de sentido, todos conduzam o timão de sua formação (Souza, 2012, p.100-101).

Assim, diante do que foi exposto até aqui constatamos que o Círculo de Leitura é uma pedagogia que possui potencial para estimular a leitura e o diálogo, o senso crítico, e é uma experiência enriquecedora em grupo que expande horizontes e o respeito a diferentes opiniões, incita o desenvolvimento da sensibilidade literária e isso tudo corrobora para uma boa formação do leitor e o incentivo à leitura. Como também, o contato com diversos gêneros amplia o repertório do leitor, aguçando o prazer de leitura e contribuindo para novas habilidades leitoras.

Além de que, por meio dos Círculos de Leituras é possível usar as estratégias de leitura para compreender melhor o texto e os objetivos da leitura; fazer anotações, sublinhar os termos conhecidos e também, os desconhecidos, que interferem na interpretação; fazer perguntas; entender a estrutura da obra; atribuir novos sentidos, perceber as pistas no texto; fazer conexões e inferências com a leitura e a obra; visualizar mentalmente o que está ocorrendo no enredo, entre outros.

6.0 Percurso Metodológico

Neste capítulo, será apresentada a caracterização do campo de pesquisa e os percursos metodológicos.

Em relação aos aspectos metodológicos, esta pesquisa é de natureza qualitativa e descritiva. O trabalho assume a definição de Minayo (2001) sobre a pesquisa qualitativa. Para a autora, a pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a

um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (Minayo, 2001). Também possui um aspecto descritivo porque tem a finalidade de descrever as características da literatura afro-brasileira, da leitura, sobre o Círculo de Leitura e particularmente sobre as estratégias de leitura a fim de aprofundarmos os conhecimentos sobre os procedimentos.

Precisamos destacar que elaboramos duas propostas de atividades para alunos do Ensino Médio sobre as estratégias de leitura e Círculo de Leitura. No quadro a seguir, trazemos a indicação de todas as obras que serão utilizadas nas nossas propostas metodológicas:

Quadro 02: As obras utilizadas nas atividades de Estratégias e Círculo de Leitura

Estratégias de Leitura	Círculo de Leitura
Poema Vozes mulheres de Conceição Evaristo	Conto “Maria” de Conceição Evaristo
Música Mama África de Chico César	Tirinha Santos 06 de Leandro Assis
Monumento Mãe Negra de Júlio Guerra	Poema Identidade de Jennifer Nascimento

Fonte: produzido pela autora

Antes de iniciarmos com o desenvolvimento da proposta didática, precisamos conhecer as obras que serão estudadas. Iremos utilizar sete obras:

6.1 Obras

6.1.1 Poema Vozes-Mulheres de Conceição Evaristo

É crucial falar sobre quem é a autora Conceição Evaristo e o seu tipo de escrita, a escrevivência, e de como isso pode influenciar no incentivo à leitura. A autora é uma referência na literatura brasileira e em seus romances, contos e poemas. O principal

assunto abordado em suas obras é a vivência de mulheres negras, a luta contra a desigualdade social, a condição do negro na sociedade. As suas obras são embasadas na escrevivência, ou seja, na escrita que surge do cotidiano, das lembranças, da experiência de vida da autora e do seu povo.

O poema Vozes-Mulheres da autora Conceição Evaristo encontra-se no livro Poemas da recordação e outros movimentos publicado em 2008 e foi escolhido como uma das leituras da proposta metodológica por se tratar de um texto que fala sobre a história de mulheres negras que falam do passado, presente e futuro através de uma sequência de vozes femininas de diferentes gerações com toda a sua força, a sua luta e sobre o futuro. O contexto histórico do poema aborda a memória do povo africano; a escravidão; a infância perdida; submissão; trabalho doméstico; e o tempo presente com as suas significativas mudanças de liberdade - mesmo que em passos lentos.

Figura 03: Capa do livro Poema da Recordação e Outros Movimentos



Disponível em: <https://www.editoramale.com.br/>. Acesso em 15 de set. 2023.

O tipo de escrita que a autora traz nas suas histórias, a escrevivência, fala sobre as experiências pessoais, os conhecimentos de mundo e é justamente por isso que trouxemos esse tipo de obra como uma das leituras para a atividade. Almejamos

que os estudantes possam se sentir capazes de também produzir esse tipo de escrita porque eles também possuem experiências de vida que merecem ser narradas. E isso abarca o conceito das práticas sociais que também incentivamos neste trabalho: transformar a vivência em práticas de leitura e conseqüentemente de escrita.

6.1.2 Música Mama África de Chico César

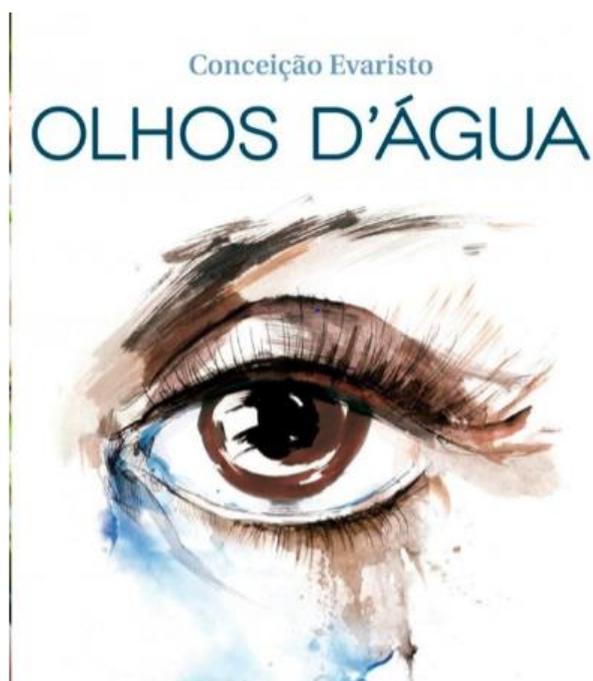
A música Mama África do autor e compositor Francisco César Gonçalves, o famoso Chico César - uma das figuras mais importantes do MPB no Brasil, foi lançada em 1994 e a sua letra é exposta em “O negro em versos – Uma antologia da poesia negra brasileira” organizada por Luiz Carlos dos Santos com publicação na Editora Salamanda, na sua primeira edição em 2005. O livro é composto da poesia feita por e sobre os negros no qual tenta suprir a falta desse tipo de literatura no campo literário.

O contexto social do ano em que a música foi feita em 1994 retrata uma realidade da população negra que ainda acontece no ano de 2023. Dessa forma, podemos verificar os contextos de quando a música foi lançada e o ano que estamos atualmente. Na proposta sobre as Estratégias de Leitura, a música Mama África será o segundo exemplo mais antigo que vamos abordar, mas que continua sendo atual por conta da sua relevância. É válido destacar que Mama África não é necessariamente uma música triste, mas que trata de questões muito importantes.

A música fala sobre as dificuldades das mulheres negras que são pobres e, comumente, são mães solas e que ainda precisam ter uma dupla e dura jornada diariamente: de ser mãe e de ser trabalhadora. Mama África mostra o papel da mulher negra no mercado de trabalho que lida com serviços domésticos, em loja popular, mas que ainda é uma grande mãe. A palavra África traz consigo a simbologia de ser “o continente mãe” onde tudo começou. O próprio Chico César relatou que ele pensou no continente africano como sendo uma grande mãe, de onde saíram todos os filhos para a América Central, Caribe, Cuba, América do Sul, Brasil, entre outros. Ele cita sobre a diáspora africana “e como muitas vezes essa diáspora vira as costas para a mãe África” como explica Chico.

6.1.3 Conto “Maria” de Conceição Evaristo

Figura 04: Capa do livro Olhos D'Água



Fonte: <https://guiadoestudante.abril.com.br/dica-cultural/conceicao-evaristo-club-de-leitura-abordara-olhos-dagua/>.

O conto “Maria” faz parte do livro *Olhos D’Água* escrito por Conceição Evaristo publicado no ano de 2014, no qual organiza uma série com 15 narrativas que se entrelaçam por contar a história de mulheres negras e homens negros que sofrem os mais diversos tipos de violência. A violência em forma de dominação e sobrevivência é revelada de modo constante nas relações sociais e de família nas narrativas. Diante disso, fica claro que a favela, bem como a rua, é um dos espaços eleitos para a disseminação da violência e como estratégia de sobrevivência.

O conto “Maria” é descrito de forma breve, narra um trágico assassinato de uma mulher humilde e trabalhadora em seu regresso para a casa depois de trabalhar na casa dos seus patrões durante todo o final de semana. A pobreza de Maria é relatada pelo fato de a mulher morar longe do seu trabalho - em uma área de periferia. E também é reforçado pelo fato de Maria levar para sua casa, restos do almoço do dia anterior, para dar aos seus filhos.

A pobreza de Maria ainda é comprovada pelo comentário que a mulher faz sobre o preço das passagens e da sua reflexão sobre a distância entre o trabalho e sua casa. As condições são tão precárias que ela só não vai para casa a pé por conta da sacola que está muito pesada. “No dia anterior, no domingo, havia tido festa na casa patroa. Ela levava para casa os restos. O osso do pernil e as frutas que tinham enfeitado a mesa” (Evaristo, 2015, p. 39). A situação de pobreza de Maria é

confirmada pelo fato de que, apesar de tudo, a mulher se mostra inteiramente feliz pelo dinheiro (mesmo que seja pouco) que ganha da patroa e pelos “restos de comida”, para os seus filhos comerem.

O fim da escravidão no Brasil não significou o surgimento de uma sociedade mais aberta, mas a continuidade do padrão de dominação oligárquica. Isso significa que, apesar de todos os avanços, o trabalho assalariado não se transformou em um meio de qualificação visto que a ordem social ainda funciona de forma excludente. Assim, a situação deplorável da camada mais pobre, ao se ver de fora desse trabalho proletário, cria como estratégia de sobrevivência práticas consideradas fora da lei, porque é a própria divisão social que, antes de tudo, segrega esse trabalhador. E esta é uma das problemáticas retratadas na história.

No enredo do conto, a transformação da violência simbólica para a violência física torna o conflito social mais evidente entre os sexos, tornando a mulher o alvo mais fácil e frágil da violência. A mulher precisa enfrentar uma sociedade que além de racista, é patriarcal. “Maria” acaba evidenciando o preconceito e a discriminação que existe contra pessoas de classes sociais menos privilegiadas, o que acaba culminando na violência contra a protagonista, conforme acontece nessa passagem do conto: “Ouviu uma voz: Negra safada, vai ver que estava de coleio com os dois.” (Evaristo, 2015, p. 41.)

É possível perceber ainda que, conforme explica Oliven (1986), a violência urbana se caracteriza por fatores que parecem acontecer em conjunto. Os homens estão, permanentemente, autorizados a realizar seu projeto de dominação-exploração das mulheres, mesmo que, para isto, precisem utilizar-se de sua força física. Além disso, o racismo aparece como forma de criminalização sem provas e de acusações maléficas que irão resultar em justiça com as próprias mãos. Conforme acontece no conto:

A primeira voz, a que acordou a coragem de todos, tornou-se um grito: Aquela puta, aquela negra safada estava com os ladrões! O dono da voz levantou e se encaminhou em direção a Maria. A mulher teve medo e raiva. Que merda! Não conhecia assaltante nenhum. Não devia satisfação a ninguém. Olha só, a negra ainda é atrevida, disse o homem, lascando um tapa no rosto da mulher (Evaristo, 2015, p.42).

Nessa passagem, percebe-se que é justamente um homem que começa a acusar Maria. Este se acha no direito de insultá-la porque acha que a mulher é cúmplice dos bandidos. Através dessa declaração percebe-se que é uma figura

masculina que faz o juízo de valor da situação. O “cidadão de bem” poderia ter acusado qualquer outra pessoa daquele ônibus, inclusive um outro homem. No entanto, resolveu atacar aquela que ele julgou ser mais frágil, a que poderia levar a culpa. Maria se torna objeto da violência e crueldade dessas pessoas, ao ser considerada cúmplice no assalto. Somados a isso, as expressões “negra safada” ou “aquela puta”, empregadas pelo homem no ônibus, manifestam ataques à condição do gênero.

O conto termina com a morte da mulher negra que, pela sua cor, pelo motivo de ser pobre e por ser considerada como o sexo mais frágil, pagou com a sua vida por uma situação que nem mesmo ela entendeu. “Lincha! Lincha! Lincha! Maria punha sangue pela boca, pelo nariz e pelos ouvidos. A sacola havia se arreventado e as frutas rolavam pelo chão” (Evaristo 2014: 43).

O desfecho em “Maria” é trágico e constitui um cenário de violência que não é exclusivo apenas na literatura. Assim como na arte, a realidade da sociedade brasileira é construída a partir desse quadro de violência urbana em que os menos privilegiados pagam pela conta. E, mais uma vez, a figura feminina continua sendo o alvo mais fácil de violência. Tudo no fim acaba como um ciclo: A violência urbana ocorre; a violência contra a mulher é desencadeada e esta sofre de modo psicológico, físico, moral, racial. O ser mulher já traz consigo diversas “culpas”, o ser mulher negra parece agravar ainda mais esse cenário, conforme foi observado com o conto.

Além do que já foi falado, é relevante destacar sobre como o enredo traz à tona os sentimentos de Maria, como mulher e como mãe solo. Maria, assim como todas as outras pessoas, é um ser humano que tem emoções e sentimentos, só que isso infelizmente não foi levado em consideração pelas pessoas do ônibus em virtude da sua cor e por acharem que ela também estava participando do assalto.

6.1.4 Quadrinhos de Ilustração, série “Os Santos”

Levando em consideração a temática que estamos abordando na proposta de atividade e buscando trazer cada vez mais elementos da vivência dos adolescentes do Ensino Médio, optamos em trabalhar com séries em quadrinhos por ser um tipo de texto que possui uma ampla circulação na sociedade para além da sala de aula e por conta disso, configura-se como uma prática social. As HQs - histórias em quadrinhos - possuem uma linguagem lúdica, com ilustrações coloridas, cria uma relação com o texto e a imagem contribuindo para uma maior compreensão, além de possibilitar

inúmeras leituras, discute sobre os mais variados temas.

A série “Os Santos - uma tira de ódio”, é do roteirista e quadrinista, Leandro Assis e da ilustradora Triscila Oliveira, publicada no Instagram do autor, @leandro_assis_ilustra. Os quadrinhos falam sobre problemas da sociedade brasileira como luta de classes, desigualdade social, racismo, feminismo, e é uma crítica direcionada aos “cidadãos de bem” e à “classe média brasileira”. A série já possui quinze tiras e relata uma história sobre a relação de duas famílias: uma de classe média alta do Rio de Janeiro com os seus preconceitos escravocratas e a outra, uma família periférica representada por Edilsa, a empregada doméstica. A tirinha que vamos analisar é intitulada por Santos 06.

Segundo Leandro Assis (2020), a motivação para criar a série de histórias em quadrinhos é o debate de abordar situações que são revoltantes e que infelizmente, acontecem na vida real. O intuito é mostrar que esses casos acontecem e que não é normal que a sociedade “naturalize” assuntos como o abismo social, os privilégios de uma classe e a pobreza da outra, a desigualdade social e o racismo. E na sala de aula, precisamos cada vez mais levantar essas problemáticas para que os jovens se incomodem e criem consciência para que esses comportamentos sejam extintos.

Trazemos a seguir a imagem da Tirinha:

Figura 05: Tirinha “Os Santos”



Fonte: <https://www.a1manaquesos.com/os-santos-artista-serie-quadrinhos-cidadao-de-bem-sucesso-internet>. Acesso em: 15 jul de 2023.

A tira Santos 06 intitulada como “A Bolha” narra o café da manhã da família e o assunto em questão é sobre uma cena de novela em que uma empregada chama a sua patroa de racista. Isso impressiona as pessoas brancas que estão sentadas à mesa porque, segundo eles, a televisão acaba provocando a disseminação do ódio colocando preto contra branco gerando, na verdade, uma “injustiça” perante os brancos com essa disseminação de ódio. Até chegam a comentar que os brancos pobres sofrem da mesma forma que os pretos visto que não têm cota, bolsa, auxílio. Apesar disso, há uma única filha que não concorda com as considerações feitas pelos seus parentes. Para ela, a cena traz à tona a realidade de como essas pessoas vivem e o que os seus entes estão fazendo é racismo estrutural. Porque estão negando e tentando minimizar a luta e o preconceito contra o negro. A mulher traz dados para

comprovar a diferença de classe e mesmo assim, os outros familiares preferem acreditar que racismo no Brasil não existe, que é vitimismo e que na realidade, “*o Brasil é um país misturado: todos são iguais*”.

Paralelamente, as empregadas domésticas da casa que são mulheres negras e pobres comentam sobre sua realidade e isso mostra que é muito diferente daquilo que os seus patrões trazem na mesa. Uma das mulheres fala que aconselha o seu filho que se ele for parado pela polícia não é para fazer contato com os olhos, se manter o mais pacífico possível pois segundo a mesma, “*ele precisa lembrar que é preto*”. E ao contrário do que é dito na mesa pelos patrões, as circunstâncias nesse cenário podem ser bem diferentes.

6.1.5 Monumento Mãe Preta do escultor Júlio Guerra

A obra de arte Mãe Preta do escultor Júlio Guerra foi inaugurada em 1955 durante as comemorações do IV Centenário da Cidade de São Paulo. Está localizado no Largo do Paissandu, ao lado da Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos. O monumento representa um costume colonial durante o tempo de escravidão em que as escravas eram ama-de-leite com a função de amamentar os filhos das senhoras. E prioritariamente, em Mãe Preta há a representação de uma mulher negra amamentando uma criança branca. Há relatos de que a criança no colo da mulher não é negra e sim, dourada, justamente para demonstrar a figura da mulher negra durante o período colonial e principalmente, sobre a força de uma mãe. Com o decorrer dos anos e por causa da sujeira que foi se acumulando, a parte de bronze da obra acabou ficando na cor preta. De acordo com registro de jornalistas da época, a escultura não agradou a todos porque não retratava uma mulher bonita e arrumada. Pelo contrário, possuía traços modernistas com os pés, as mãos e os seios enormes.

É importante salientar que o monumento Mãe Preta foi idealizado em 1920 como uma tentativa ressignificar a figura de uma mãe preta através dos movimentos negros que existiam na época levando em consideração que não se tinha muito monumentos que homenageavam personalidade negras e as suas conquistas. Logo, o objetivo com Mãe Preta era uma forma de chamar a atenção para a importância dos negros no nosso contexto histórico.

Eis a imagem do monumento a seguir:

Figura 06: Monumento “Mãe Preta”



Disponível em: <https://arteforadomuseu.com.br/mae-preta/>. Acesso em: 20 de abril de 2023.

Ademais, é importante ressaltar que o monumento foi reconhecido como patrimônio histórico pelo CONPRESP (Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental da Cidade de São Paulo) em 2004, visto a sua relevância histórica.

6.1.6 Poema Identidade de Jenyffer Nascimento

O poema Identidade da autora Jenyffer Nascimento (2014) está presente no livro Terra Fértil publicado pela Editora MJIBA. O livro é constituído por 80 poesias da autora onde representa a sua condição de mulher feminina, afrodescendente, periférica e feminista. Os seus versos trazem consigo o compromisso de revelar as estruturas de poder e a violência fomentada com isso, mas principalmente as diversas formas de resistência que existem e precisam existir diariamente.

“Identidade” apresenta a discussão sobre o enfraquecimento da individualidade especificamente das pessoas negras no mundo contemporâneo ocasionado por questões históricas, sociais, culturais e econômicas que afetam a vida e a singularidade dessas pessoas. Os versos retratam a realidade dos indivíduos

Figura 07: Capa do livro Terra Fértil



Fonte: <https://www.livrariafricanidades.com.br/pd-7ce29c-terra-fertil-autora-nascimento-jenyffer.html> Acesso em 10 de jul de 2023.

Após a explanação das obras que serão utilizadas, vamos seguir com o detalhamento das propostas metodológicas.

7.0 Propostas de Atividade

Neste capítulo, vamos apresentar as duas atividades de leitura propostas: a primeira utilizando as estratégias de leitura segundo Solé (1998) e a segunda, com o Círculo de Leitura de Rildo Cosson (2014).

7.1 Uma proposta de atividades de leitura a partir das estratégias de leitura

Diante de tudo o que foi exposto, entendemos que é importante que o aluno compreenda o texto a partir das estratégias de leituras. O leitor deve ser ensinado como deve agir diante do texto. Sendo assim, elegemos as estratégias de Solé (1998) tendo em conta que a prática de leitura dividida em três momentos - antes, durante e depois da leitura- pode ocasionar em um melhor entendimento sobre cada etapa e quais estratégias de leitura podem ser ativadas.

Antes mesmo da leitura dos textos é importante que o professor idealize os objetivos das leituras que almeja realizar com os alunos. Prioritariamente, nesta proposta de atividade e levando em consideração um dos objetivos da pesquisa que é o incentivo à leitura afro-brasileira, é fundamental que os estudantes compreendam que a prática leitora tanto serve para o deleite, mas também para a aquisição de um novo conhecimento. E se tratando da literatura afro-brasileira é imprescindível que cada vez mais os autores negros e autoras negras façam parte da leitura dos alunos, haja vista a importância de toda a sua cultura, a luta, o contexto histórico, entre outros. E que a utilização de estratégias de leitura para ambas as práticas leitoras têm um grande potencial para fazê-los compreender melhor a história e, assim, ter mais gosto pelas leituras.

Conseqüentemente, os objetivos da leitura desta proposta serão:

- 1- Incentivar a prática e o prazer pela leitura;
- 2- Estimular o uso das estratégias de leitura para uma melhor compreensão;
- 3- Ampliar o conhecimento sobre a produção literária afro-brasileira.

Para a atividade em questão, vamos seguir as orientações que Solé traz sobre as estratégias a serem usadas no **Antes; Durante e Depois da leitura**. Utilizaremos o monumento Mãe Preta do escultor Júlio Guerra, o poema Vozes-Mulheres da autora Conceição Evaristo e a música Mama África do cantor e compositor Chico César.

7.1.2 Etapas Metodológicas de Estratégias de Leitura

A 1ª etapa é destinada ao **Antes da leitura**, e como já vimos anteriormente é

através da motivação que a atividade deve ser iniciada.

7.1.2.1 Motivação para a leitura e antecipação do tema

Para qualquer atividade que nos planejamos fazer, é nítido o quanto o nível de motivação é diretamente proporcional ao seu sucesso ou ao seu fracasso. E na leitura, isto não é diferente. Por isso, o primeiro ponto a se considerar na atividade de leitura é a Motivação. Precisamos deixar os alunos motivados para as obras que serão iniciadas e com isso, vamos determinar os seguintes passos:

Fazer uma sondagem sobre o que os alunos sabem a respeito dos textos e a sua importância. É essencial ouvi-los falar sobre as suas experiências leitoras, quais são os livros e os seus temas preferidos, e o que não gostam. É importante que neste primeiro momento o estudante esteja motivado e se sinta desafiado para a prática de leitura que será sugerida.

É muito proveitoso que o professor possa demonstrar o seu apreço pela leitura a fim de instigar os alunos e, para isso, deve ser realizada a leitura de um texto para a “acolhida” de escolha pessoal do mediador. Por se tratar da etapa da motivação, além de ser necessário uma leitura que cause muito interesse pela atividade que está por vir, também é recomendável que o texto motivador seja uma introdução de fácil interpretação para seguir com a progressão de leitura para o segundo texto. E para além desse aspecto, vamos fazer a sugestão de trazer a obra de arte Mãe Preta, do escultor Júlio Guerra, para ofertar o contato com os diferentes tipos de leitura, no caso, a leitura de uma obra de arte.

Figura 08: Monumento Mãe Preta



Disponível em: <https://www.al.sp.gov.br/noticia/?id=280997>. Acesso em: 10 fev. 2023.

Conforme foi mencionado, o monumento foi escolhido para propiciar o contato com outros tipos de leituras e para estimular que os indivíduos percebam como elas funcionam na sociedade, a exemplo do monumento. Em se tratando da leitura de uma arte, devemos levar em consideração todos os elementos da obra em si e também do seu contexto histórico. Uma outra justificativa para a escolha de Mãe Preta é a sua relação com as temáticas das obras que serão trabalhadas na atividade e, por conseguinte, terá o objetivo de aguçar ainda mais interesse nos alunos e também para deixá-los animados/curiosos sobre o que estará por vir.

A partir da apresentação e da leitura da obra escolhida para a acolhida, tem que se perguntar aos alunos o que eles acham do título “Mãe Preta”, o que conseguem considerar sobre os elementos que compõem o monumento, o que sabem sobre a temática e o contexto histórico da obra de arte, quais são os seus posicionamentos a respeito da problemática, se costumam ter contato com outros tipos de obras de arte, se apreciam ou não. É fundamental que as experiências dos alunos sejam consideradas neste momento. Então, vamos perguntar sobre acontecimentos pessoais e a vivência dos estudantes relacionados à temática. Neste primeiro momento, é importante que o aluno fale sobre o que acha, o que conhece sobre o assunto e também, o que não conhece, o seu conhecimento prévio. Logo, perguntas como: “Do que se trata a problemática social que a escultura aborda?” “Para quem a obra é direcionada?” irão contribuir para que os leitores consigam ativar conhecimento prévio.

Como teremos as duas obras principais que farão parte da proposta de atividade de fato, devemos mencioná-las neste primeiro momento para conhecimento dos estudantes. O poema Vozes-Mulheres está presente no livro Poemas da

Recordação e Outros Movimentos e, por isso, é muito importante levar o livro físico para a sala de aula para que os alunos possam ter a obra em mãos: poder folhear, observar os elementos, as ilustrações e, com isso, o professor poderá fazer a leitura dos elementos presentes na capa, contracapa, as orelhas do livro, que também são imprescindíveis para entendimento da obra. Em relação à música Mama África, como iremos sugerir uma performance que será explicada posteriormente, no primeiro momento, só vamos falar o nome da música e o cantor. Como daremos continuidade com as próximas etapas das estratégias de leitura é fundamental que os estudantes façam os registros escritos das suas impressões.

7.1.2.2 Levantamento do Conhecimento Prévio e Expectativas para as Leituras

Dando continuidade ao momento da conversa com os alunos, deve-se questionar sobre o tema do texto da acolhida dando prosseguimento com novas informações à turma sobre as leituras que serão feitas posteriormente na proposta didática em sala de aula: se já leram poemas de outros temas, se costumam escutar músicas, e especificamente, as músicas de Chico César; onde fazem isso e em quais ocasiões.

Posteriormente, vamos começar a atividade falando os títulos das leituras: do poema Vozes-Mulheres e da música Mama África, para fazer com que os alunos comecem a perceber que através dos títulos algumas pistas são dadas sobre os textos e para criarem expectativas sobre o conteúdo das obras. Elaboramos alguns questionamentos para ajudar os leitores:

- O que será que estes títulos querem dizer?
- O que eu já sei sobre o autor e o tema dos textos?
- Como o tipo de texto pode contribuir na compreensão?
- Quais palavras-chaves posso identificar através dos títulos?
- O título sugere alguma ideia ou problema que os textos vão abordar?
- Quais são as informações que eu espero encontrar?
- O título me faz lembrar de algum acontecimento da minha vida?

Além das perguntas que estamos sugerindo e a fim de que os discentes consigam estabelecer hipóteses e perguntas sobre os textos, devem ser entregues cópias com a reprodução do poema Vozes-Mulheres e da música Mama África para que possam fazer uma leitura silenciosa para um primeiro contato com os textos antes

da leitura compartilhada. É fundamental salientar que no momento da leitura colaborativa, os alunos ficarão à vontade sobre a oportunidade de ler e também, de não querer ler. A leitura não deve ser ensinada como uma obrigação até mesmo na escola. Logo em seguida, vamos realizar a leitura compartilhada de ambos os textos: o poema *Vozes-Mulheres* e a música *Mama África*. A leitura compartilhada dará início a etapa **Durante a Leitura**.

A primeira leitura compartilhada será o poema *Vozes-Mulheres*. No entanto, também preparamos a indicação de mostrar um vídeo da própria Conceição Evaristo lendo o seu poema *Vozes-Mulheres* disponível no site do *Youtube*. Acreditamos que mostrar a própria autora lendo o seu poema vai causar ainda mais interesse e curiosidade de conhecer mais sobre a autora e a sua obra. Infelizmente, nem sempre é possível que o aluno tenha posse do livro onde se encontra a obra pelos mais variados motivos, mas sempre que pudermos propiciá-lo é interessante que seja feito para o encontro do aluno-leitor com o autor da obra em questão.

Segue uma captura de imagem de Conceição Evaristo lendo o seu poema:

Figura 09: Captura do vídeo de Conceição Evaristo lendo o seu poema



Ilustre Leitor - Conceição Evaristo: Vozes mulheres (poema de Conceição Evaristo)



Marcio Debellian
8,16 mil inscritos

Inscriver-se

👍 21



🔗 Compartilhar

⬇️ Download



Disponível em:

https://www.youtube.com/watch?v=dIngWuRn45c&ab_channel=MarcioDebellian. Acesso em: 10 de jul de 2023.

Posterior à leitura e à reprodução do vídeo sobre a obra de Conceição Evaristo, é a oportunidade que os estudantes verifiquem as suas hipóteses, estabeleçam

previsões, criem as suas perguntas, façam anotações para compartilhar suas impressões com a turma e também, para que o professor mediador possa ajudá-los nas possíveis dúvidas que surgirem. Esse procedimento também deverá ser feito após a leitura e vídeo da música de Chico César.

Dando sequência à segunda obra, a música *Mama África*, de Chico César, também vamos fazer a exposição do vídeo do cantor. Mesmo que se trate de uma música, é proveitoso que os alunos possam ver e ouvir o cantor fazendo a sua arte - cantando a sua música. E com isso, consideramos que o contexto da situação, a apresentação do show, também pode contribuir com significados para a interpretação da obra, quer seja pelas vestimentas do cantor, pelos elementos no cenário.

Figura 10: Captura do vídeo de Chico César cantando a sua música



Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=PiDCudD572w&ab_channel=Deck Acesso em: 11 de jul de 2023.

Em suma, as estratégias que vamos estimular que os leitores levem em consideração são:

- Ativação de conhecimentos prévios;
- Sublinhar palavras desconhecidas e/ou causaram dúvidas;
- Identificação da ideia dos textos e de fatos relevantes;
- Realizar inferências;
- Acompanhamento do seu nível de compreensão;
- Comparar as duas leituras verificando os pontos convergentes e divergentes nas problemáticas sociais.

Vale frisar que a assistência do professor durante a leitura é de grande relevância, pois, além de fazer a indicação de quais estratégias podem ser usadas, este também deve fazer uma demonstração de quando e como utilizá-las servindo como um “modelo de leitura” para os alunos. Por conta disso, é muito importante que o professor também participe da prática leitora juntamente com os estudantes. Além disso, dando o estímulo à discussão entre os alunos promovendo a troca de ideias e a participação ativa de cada leitor, fazendo perguntas que ativam a reflexão, oferecendo feedbacks positivos para desenvolver a confiança e a autonomia para cada aluno utilizar as estratégias de leitura de forma autônoma na sala de aula e fora dela.

7.1.2.3 Depois da leitura

Após o fim da leitura e do compartilhamento das impressões dos estudantes, a etapa seguinte é destinada para **Depois da Leitura**. É a hora da concretização da compreensão leitora efetivamente. Ou seja, vamos avaliar se as estratégias contribuíram para a compreensão leitora dos alunos. Todavia, antes de iniciarmos com as perguntas que ajudarão os leitores a perceberem se compreenderam ou não as leituras por meio das estratégias de leitura, torna-se necessário retomar a temática presente nas três obras que foram apresentadas: Monumento Mãe Preta; Poema Vozes-Mulheres e a música Mama África.

A temática que envolve as três leituras fala sobre a mulher negra e de toda a sua grandeza e força mesmo diante das adversidades da vida – de uma vida que, mesmo pertencendo a um contexto histórico diferente –, foi e ainda é muito árdua. Como o objetivo é possibilitar que os estudantes possam correlacionar as três leituras, elencamos alguns pontos que podem ser desenvolvidos na discussão com a turma.

O primeiro aspecto que pode ser suscitado é o de que o monumento Mãe Preta traz uma mulher negra com um bebê “branco” nos braços fazendo referência às amade-leite no período da escravidão. E no poema Vozes-Mulheres também faz menção a voz de uma avó negra que ecoava obediência aos seus patrões *brancos-donos de tudo*. O leitor precisa fazer a inferência sobre os contextos históricos: as duas situações falam de problemas que são semelhantes. A experiência da mulher negra com o trabalho escravo. E um outro ponto muito importante que pode ser discutido é o fato das produções serem muito distantes na sua data de criação. A obra de arte Mãe Preta é do ano de 1955, século XX. E o poema Vozes-Mulheres foi escrito no

ano de 2008, século XXI. São 100 anos que separam as duas produções e mesmo com todo o avanço que a sociedade teve, a realidade da mulher negra ainda é muito difícil.

O segundo aspecto que também podemos discutir é que na música Mama África, a figura da mulher e mãe negra também é relacionada aos trabalhos que as mulheres desempenham e de toda a dificuldade atrelada a isso, mas que também mostra a força da mulher negra que é uma forte categoria no trabalho fora de casa e é principalmente, uma pessoa e mãe forte.

Após a retomada dos textos, a etapa seguinte será designada para as perguntas que podem ajudar os leitores a examinar a consolidação da compreensão do texto:

- Quais foram as ideias principais dos textos?
- Quais foram os pontos que mais chamaram a atenção?
- As hipóteses foram confirmadas?

Além das perguntas, as reflexões sobre as leituras e as estratégias de construção de resumos também são válidas para uma melhor compreensão, e para o desenvolvimento crítico do leitor perante a habilidade da leitura. Com isso, também serão indicadas como estratégias que podem ajudar na confirmação se o texto foi compreendido ou se teve alguma lacuna na compreensão.

As atividades de reflexão sobre as leituras e a construção de resumos devem ser feitas após a leitura do texto e em seguida das perguntas que listamos acima para verificação da compreensão do texto. Aliás, esses questionamentos estão diretamente relacionados para que o educando consiga fazer as reflexões sobre aquilo que leu. Em seguida, o professor deve ajudar os alunos a elaborarem os seus resumos:

- O resumo requer a identificação das ideias principais e das relações que o leitor estabelece entre elas conforme os seus objetivos de leitura e conhecimentos prévios.

Como momento final da etapa **depois da leitura**, vamos fazer uma proposta textual através de uma carta reclamação em que os estudantes irão fazer um texto argumentativo referente às problemáticas sociais retratadas nas obras estudadas. Os alunos precisam escrever uma carta reclamação como forma de combater o racismo, mas também, e principalmente, para dar lugar às experiências das mulheres negras com o intuito de colocar em xeque uma problemática tão urgente e que merece

mudanças significativas. Por se tratar de uma carta reclamação que é um tipo de texto que possui uma função social bem marcada na sociedade, os estudantes deverão ser orientados que o destinatário - a pessoa que vai receber o texto - será um colega de classe de outro ano do seu colégio. Desse modo, o texto deve ser produzido de forma que todas as pessoas compreendam sobre o contexto das obras estudadas visto que possivelmente não terão conhecimentos de quais leituras foram feitas.

O propósito dessa ação envolvendo outros estudantes de séries menores é para que a discussão contra o racismo - uma das temáticas das obras estudadas - seja algo sempre presente nas escolas e para demonstrar que todos podem conhecer e abraçar a causa independente do nível de turma.

A proposta de atividade será uma forma de avaliação tanto para o professor e principalmente para o aluno, para que ambos possam refletir sobre o aprendizado sobre as estratégias de leitura. Isto é, se as estratégias contribuíram mais no entendimento da leitura, o que ainda não ficou claro e precisa da intervenção do professor. E de que forma isso contribuiu na produção escrita visto que a relação entre leitura e escrita acontece de forma mútua. Como também, se este leitor em formação irá conseguir ler outros textos em outras situações além da escola fazendo uso das estratégias. E mais uma vez, é fundamental repetir, que o aprendizado das estratégias de leitura favorece a proficiência leitora.

7.1.2.4 Avaliação

Logo após o momento da produção textual, temos a etapa final reservada para a avaliação processual. Não vamos propor uma atividade avaliativa visto que o nosso objetivo não é conceber uma nota. E sim, uma oportunidade para se fazer uma análise da atividade em si: em que sentido as leituras e a proposta didática com as estratégias de leitura tornaram o leitor mais profícuo.

Por fim, vamos fazer a sugestão de que os alunos juntamente com o professor formem um grande círculo e possam compartilhar as suas impressões sobre a atividade que foi feita: o que aprenderam, quais foram as dificuldades, os pontos que mais acharam interessantes. E especialmente, se a proposta de atividade ajudou no incentivo à leitura para cada estudante.

7.2 Uma proposta de atividades de leitura a partir do Círculo de Leitura

A segunda proposta de atividade tem como base os Círculos de Leitura visto ser uma ótima metodologia para incentivar a leitura, fomentar o hábito de ler e, assim, contribuir para a formação leitora. A atividade terá como base as orientações de Cosson (2014) e será elaborada com o enfoque para as séries do Ensino Médio.

Cosson (2014) sugere que o Círculo de Leitura contemple uma obra completa ou partes dela, no entanto, atentando ao fato de que o ensino escolar dos 1º e 2º anos também tem outras exigências curriculares, vamos fazer a proposta com textos mais curtos porque além da explicação acima, queremos propiciar diferentes possibilidades das práticas sociais da leitura. A escolha por utilizar dois tipos de obras diferentes: o conto “Maria” e a tirinha Santos 06, se deu com o intuito de que os estudantes possam perceber as diferenças, a funcionalidade, e as formas que são encontradas nos seus usos sociais.

7.2.1 Construção das Fases do Círculo de Leitura

Por se tratar de uma proposta de Círculo de Leitura para aplicação em sala de aula, escolhemos o tipo de círculo estruturado como apoio para a nossa intervenção. Um dos motivos para a escolha do Círculo de Leitura na escola é a possibilidade de utilizarmos as estratégias de antes, durante e depois da leitura desenvolvidas por Solé (1998) como já mencionado.

A primeira fase de um Círculo de Leitura é a **Preparação**. Este momento inicial destina-se a conhecer os perfis dos leitores: dialogar sobre as experiências de vida, a vivência com a leitura e os autores que mais gostam, procurar saber sobre os interesses da leitura e também, para servir como motivação para a participarem do círculo e é proveitoso que esse momento seja repassado como algo divertido. É possível utilizar questionários para os alunos responderem essas perguntas em forma de texto ou conversarem de modo informal. Ademais, é necessário explicar como funciona a proposta de Círculo de Leitura apresentando o seu cronograma, a sua finalidade, os procedimentos que podem ser usados durante as fases do processo de leitura, como por exemplo, os registros de leitura.

A apresentação sobre o funcionamento de um Círculo de Leitura mediante a sequência expandida desenvolvida por Cosson terá o propósito de tornar a visualização da turma mais fácil. Com isso, será preciso distribuir um esquema com a explicação e as etapas de um Círculo de Leitura para que os estudantes tenham

conhecimento do que será feito na sala de aula. A dinâmica deve ser feita oralmente e em cada etapa para a turma. Segue o modelo:

Figura 11: Quadro com as seis etapas do Círculo de Leitura.



Fonte: Elaborado pela autora, com base em Cosson (2014).

Vale reforçar que é importante apresentar o funcionamento de um Círculo de Leitura porque a sua prática ainda não é frequente nas escolas. Por esse motivo é essencial que os alunos saibam como vai acontecer a experiência leitora, até mesmo para não criar ansiedades e um sentimento de aversão por acharem que pode ser algo muito difícil de saber/fazer.

Por se tratar de uma proposta metodológica para ser aplicada na sala de aula e tendo em conta que geralmente esses espaços comportam uma quantidade significativa de alunos, é recomendado que sejam formados pequenos grupos para discutir uma obra escolhida. Cada pequeno grupo vai funcionar como se fosse um “pequeno Círculo de Leitura” e vão colocar em prática algumas especificidades de um círculo, como as funções, diário de leitura, etc. Posteriormente, os leitores serão convidados a compartilhar a experiência leitora com o grande grupo. Como cada pequeno grupo vai ficar com um tipo de obra diferente, eles poderão apresentar para os outros colegas sobre as leituras que fizeram. O intuito é causar interesse para as obras que não foram lidas e principalmente, instigá-los a terem autonomia a partir da mediação pelos próprios alunos e lhes apresentar como protagonista dessa prática de leitura.

O próximo passo é estipular o cronograma do Círculo de Leitura. Estipular um cronograma para definir o número de obras e encontros (com dia e horário fixo) necessários para a leitura de cada obra. É hora de elaborar o calendário com dia e horário fixo para o Círculo de Leitura. Porém, conforme já foi mencionado, por se tratar de uma proposta de atividade, o cronograma do Círculo de Leitura deve ficar a critério de cada professor de acordo com a sua realidade.

Após a fazer a divisão dos pequenos círculos de leitura e os respectivos textos de cada um, é necessário apresentar e explicar quais serão as funções do Círculo de Leitura, deixando os alunos livres para fazer a sua escolha, mas também pode ser sugerido que haja um sorteio para a escolha das funções. Como iremos fazer a articulação do diário de leitura com as estratégias de leitura, é fundamental que haja a demonstração de como o diário funciona. É primordial esclarecer que, embora a apresentação propriamente dita sobre o Círculo de Leitura e as funções sejam feitas na primeira etapa, o momento reservado para a indicação das funções é feito após a escolha e distribuição dos grupos. Mesmo que os cartões de funções não sejam seguidos precisamente, é essencial que cada leitor tenha um papel estabelecido para atribuir mais significado à leitura e corroborar com o protagonismo.

A segunda fase é designada como **Execução** e é o momento para a leitura dos textos. Com o cronograma estipulado, é interessante que seja levado em conta um prazo para que os alunos leiam as obras em casa como leitura individual e para que possam preparar as suas observações através do diário de leitura e com o acompanhamento do professor. Nesse momento, o professor também deve elaborar as perguntas que serão utilizadas durante a discussão. E depois, acontece a etapa seguinte com o debate na sala de aula.

A fase do compartilhamento é dividida em duas etapas: pré-discussão e a discussão propriamente dita. Na fase da pré-discussão, os estudantes devem levar para a discussão no seu pequeno grupo, todas as anotações, trechos sublinhados, as partes que mais surpreenderam. Cada leitor deve dispor do seu diário de leitura para quando a discussão for desenvolvida, apresentar aos outros participantes. Nesta ocasião, as fichas de função também irão contribuir para aprofundar o debate porque cada membro vai ter a sua responsabilidade perante o círculo e trará novos comentários a respeito disso.

Na fase da discussão propriamente dita é o momento de compartilhamento de todas as impressões sobre as obras e como já foi esclarecido ao longo deste texto, os alunos não estarão em uma posição de serem julgados pelas suas respostas e

também, não poderão fazer isso com os seus colegas. O espaço de compartilhamento é reservado para que os leitores conversem sobre as leituras, falam sobre experiências pessoais. É uma oportunidade para tornar a prática leitora como um ambiente de confiança e afeto - mostrar todo o encantamento que a leitura pode causar nas pessoas.

Passado esse período de discussão, os alunos devem ter a chance de fazer as suas novas anotações perante ao que foi debatido. E isso poderá ser feito através de uma atividade coletiva oral com todos os pequenos grupos. Conforme já foi mencionado, por se tratar de uma proposta pedagógica que será oferecida para as escolas que atendam o Ensino Médio do estado da Paraíba, e por esse motivo, não temos conhecimento dos perfis dos alunos que por ventura farão parte dos pequenos grupos que serão formados para a atividade do Círculo de Leitura. Sendo assim, inicialmente, devem ser feitas algumas perguntas no formato de questionários antes da realização da intervenção para traçar o perfil de cada leitor com a finalidade de distribuir os alunos nos respectivos pequenos grupos de acordo com as suas afeições e hábitos de leitura.

Então, antes mesmo de iniciar com as etapas do Círculo de Leitura, seguem algumas sugestões de perguntas para conhecer o perfil do leitor que fará parte dos pequenos grupos:

- Qual é a frequência que você costuma ler?
- Qual é o seu gênero preferido?
- Você costuma ler na sua casa, bibliotecas, ou apenas no ambiente escolar? E onde prefere ler?
- Quanto tempo você costuma dedicar à leitura por dia?
- O que torna um livro interessante para você?

Realizada a sondagem sobre os perfis dos leitores, a proposta de atividade com Círculo de Leitura será elaborada a partir das seguintes etapas:

7.2.1.1 Primeiro Momento: Motivação

Além da aplicação do questionário para a divisão dos alunos nos pequenos grupos que será feita antes da intervenção, é recomendado iniciar uma socialização para conhecer de forma mais detalhada o perfil de cada leitor, sobre as experiências

peçoais e a sua vivência com os livros. É importante que os alunos possam perceber que a intervenção é um momento para que eles se sintam à vontade para interagir, expor as suas opiniões, é o momento em que cada estudante será visto como o protagonista da ação e é fundamental despertar esse sentimento na turma.

O primeiro momento do Círculo de Leitura é a **Motivação** que será destinado para preparar o aluno para entrar no texto. Seguem as perguntas podem ser feitas:

- 1- Qual é a sua primeira impressão sobre os títulos das obras?
- 2- Você tem alguma conexão pessoal com o tema ou título dos textos?
- 3- Qual é a sua expectativa com as leituras das obras?

Estamos indicando algumas perguntas para incitar os alunos para a atividade, fazendo com que os mesmos se posicionem acerca das temáticas das obras com a finalidade de causar mais interesse pela leitura dos textos.

7.2.1.2 Segundo Momento: Introdução

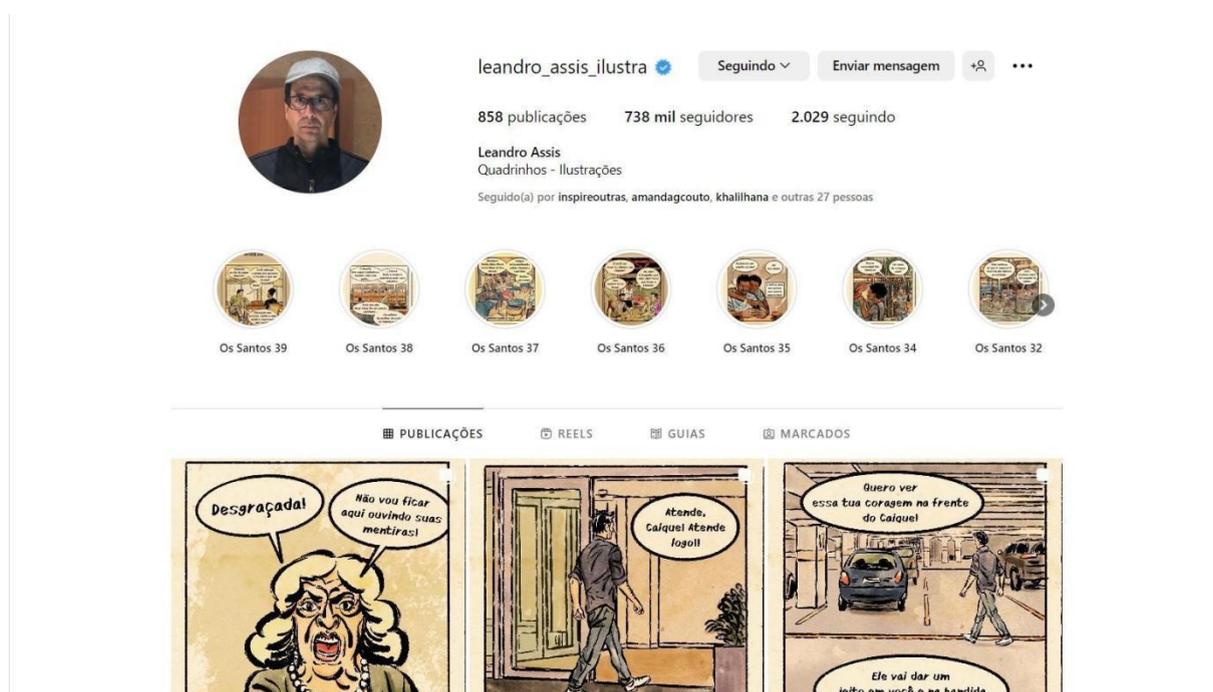
O segundo momento será reservado para a **Introdução** cujo objetivo principal é a apresentação do autor e da obra. Inicialmente, para conhecimento sobre os autores das obras é imperativo que seja entregue um material com pequenas biografias com as informações principais da autora Conceição Evaristo, do roteirista e quadrinista, Leandro Assis e da ilustradora, Triscila Oliveira. É apropriado destacar que não se trata de falar sobre a vida dessas pessoas com todos os acontecimentos, e sim, fazer uma breve explanação dos dados biográficos e se for possível, fazendo relação do contexto em que a obra foi desenvolvida e a sua relevância. No apêndice deste trabalho estão as minibiografias dos autores que podem ser utilizadas na aplicação da atividade.

Logo em seguida, é a etapa da apresentação física das obras. É essencial proporcionar que os estudantes tenham o contato físico com as obras porque além de estimular o interesse, a apresentação física da obra segundo nos diz Cosson (2014) é também uma oportunidade para que o professor chame a atenção para outros aspectos significativos como a leitura da capa, da orelha e de outros elementos paratextuais que introduzem uma obra e deve realizar a leitura do livro coletivamente.

Estamos sugerindo duas obras para a atividade: O conto “Maria” do livro Olhos

D' Água e a tirinha *Santos 06*. Será possível levar o livro físico *Olhos D' Água* para a sala de aula. No entanto, em relação a tirinha, por ser uma das obras que traz à tona um novo formato para sua apresentação, isto porque a tirinha que será trabalhada está disponível na rede social do *Instagram*, desse modo, é preciso fazer adaptações para que os alunos possam ter a reprodução da obra. Neste caso, tem que se fazer o acesso em uma conta do *Instagram* para vermos o perfil de Leandro e assim termos consciência de onde as tirinhas são publicadas.

Figura 12: Perfil no *Instagram* de Leandro Assis



Disponível em: https://www.instagram.com/leandro_assis_ilustra/ Acesso em: 17 de ago de 2023.

A importância de mostrar aos alunos a reprodução da obra ainda que seja em um formato *online* serve para evidenciar que atualmente também podemos usar a internet como um instrumento para contribuir com a aprendizagem da leitura na sala de aula, e mostrar que as obras passam a ter diversas possibilidades de formato como é o caso da tirinha que é publicada em redes sociais, mas continua tendo a mesma funcionalidade.

Dando continuidade, é primordial fazer a escolha das funções dos membros do grupo e a indicação dos pequenos grupos com a sua respectiva obra. No tocante aos cartões de funções que serão utilizados para analisar os textos, e como estamos fazendo a sugestão de que sejam formados 02 pequenos grupos para trabalhar com obras diferentes e que no final irão socializar como um grande círculo, salientamos

que todas as funções que são sugeridas por Harvey Daniels (2002) podem ser usadas. No entanto, levando em consideração todo o contexto que envolve a temática das obras, damos a indicação de que sejam priorizadas entre os leitores as seguintes funções:

- 1- Conector;
- 2- Iluminador de Passagens;
- 3- Pesquisador;
- 4- Cenógrafo;
- 5- Perfilador.

Percebemos que as funções acima se complementam e que podem facilitar ainda mais a interpretação de cada leitor contribuindo para um maior alinhamento na leitura compartilhada.

Cosson (2014) nos alerta que o momento da introdução não pode se estender muito visto que a sua função é apenas permitir o encontro do aluno com a obra de uma maneira positiva. Desse modo, é pertinente falarmos que, embora se tenha duas obras na proposta de atividade, isso não se tornará um problema na questão do tempo tendo em vista o tamanho das obras sugeridas.

7.2.1.3 Terceiro Momento: Leitura

O terceiro momento será destinado à **Leitura** das obras. Nessa ocasião, é muito importante fazer o acompanhamento perante a leitura dos alunos, auxiliando nas possíveis dúvidas que possam surgir e para verificar o andamento da atividade.

Como a proposta do Círculo de Leitura vai ocorrer na sala de aula, consideramos que seria mais proveitoso para a experiência leitora que a turma seja dividida em dois pequenos grupos para que cada um fique responsável por uma obra e, ao final, formar uma grande roda de leitura para compartilhar as impressões, as curiosidades, fatos sobre os textos lidos.

Sendo assim, a divisão de cada pequeno grupo e a sua respectiva obra fica dividida da seguinte maneira:

- O primeiro pequeno grupo ficará responsável pela leitura do conto “Maria”;
- O segundo pequeno grupo ficará responsável pela leitura da tirinha “Os

Santos”;

As obras que foram selecionadas não são textos muito grandes e por conta disso, a leitura precisa ser realizada no momento da aula mesmo. No entanto, será dividida em dois momentos:

1º: a leitura de reconhecimento feita silenciosamente pelos estudantes;

2º: a leitura oral realizada em cada pequeno grupo. O professor pode realizar a leitura em voz alta em cada pequeno grupo e se caso tiver algum leitor que queira fazer essa leitura oral, o professor poderá ficar como um apoio para caso este aluno necessite.

Antes mesmo de ocorrer o grande Círculo de Leitura, cada pequeno grupo fará o seu momento de compartilhamento sobre as impressões da obra lida e após isso, apresentará as suas anotações de acordo com o seu cartão de função definido inicialmente como também, o seu registro do diário de leitura.

À medida que as leituras estão sendo feitas por cada leitor, Cosson (2014) faz a ponderação sobre a importância de fazer intervalos entre as leituras porque é através do intervalo que o professor conhecerá as dificuldades de leitura dos alunos. O autor nos diz que o intervalo é um diagnóstico da etapa da decifração no processo de leitura. Com isso, devem ser estipulados prazos nas leituras para que ocorram os intervalos e desse modo, fazer uma intervenção eficiente para sanar todas as dúvidas. E mais uma vez, cada professor deve estipular em conformidade com a didática em sala de aula.

7.2.1.4 Quarto Momento: Primeira Interpretação

A primeira interpretação tem em vista a compreensão global da obra. O objetivo dessa fase é levar o aluno a manifestar a impressão geral do título e o impacto que ele ocasionou sobre a sua sensibilidade de leitor. E preferencialmente será feito na sala de aula, pois será a resposta do aluno diante de tudo o que entendeu sobre a obra na leitura realizada por meio de uma produção escrita. Para tal objetivo, sugerimos alguns questionamentos para auxiliar na construção de sentido para os textos:

- Qual o problema que as personagens das duas obras precisam enfrentar?

- Se você fosse a personagem da filha na tirinha Santos 06, teria agido da mesma forma em relação aos comentários que foram feitos pelos familiares? Se não, o que mudaria?
- Compare os personagens das duas obras e analise o que elas têm em comum e de diferente?
- Como você se sentiu com o desfecho das histórias? Por quê? Qual é a grande questão abordada nos dois textos? Você concorda como foi abordado?

Antes de prosseguirmos com o desenvolvimento da atividade, é fundamental explicar que prioritariamente neste Círculo de Leitura utilizando a sequência expandida não iremos ter a segunda interpretação haja vista que acerca dos nossos objetivos com o Círculo de Leitura, a execução de apenas a primeira interpretação já é proveitosa.

A fase seguinte é designada para o momento da Contextualização.

7.2.1.5 Quinto momento: Contextualização

Dentre os sete tipos de contextualizações, vamos recorrer ao tipo de **contextualização presentificadora**. Ou seja, o professor deve usá-la para despertar o aluno pela obra, provocando a sua atenção para o tema e as relações dele com o presente. Isso quer dizer que, a contextualização busca a correspondência da obra com o presente da leitura. Conseqüentemente, em nosso projeto, vamos estimular que o aluno encontre no seu mundo social situações convergentes e também, as divergentes, relacionadas às obras lidas realçando a atualidade das leituras.

A partir da presentificação, será solicitado do estudante que o mesmo possa elencar alguns acontecimentos da sua rotina e até mesmo, dos fatos que acontecem no nosso país que estão relacionados com os fatos que aconteceram nas duas obras e também, casos que abrangem o mesmo problema social, mas que teve uma narrativa diferente. Para este momento, a turma pode ser orientada a procurar por artigos de notícias que relatam casos parecidos com as obras para apresentar no dia da discussão da presentificação a fim de discutirem sobre cada caso mostrado correlacionando com o contexto dos textos.

7.2.1.6 Sexto Momento: Expansão

O momento destinado à Expansão vai propiciar o diálogo entre as duas obras e outros textos. Como estamos trabalhando com duas obras em pequenos grupos, nesta proposta, a hora de expansão funcionará como um Grande Círculo onde os leitores poderão apresentar a obra de seu respectivo pequeno grupo fazendo o compartilhamento das impressões e das observações feitas em seus diários de leitores. Como também, para apresentarem outras obras que também possuam a mesma temática e que dialoguem com os textos lidos.

Para esta etapa, vamos indicar uma nova obra literária para desafiar os alunos para a leitura e também a utilização das estratégias de leitura para a compreensão. A obra será o poema Identidade da autora Jennifer Nascimento presente no livro Terra Fértil (2014). O Terra Fértil foi organizado pelo coletivo Mjiba para fortalecer a literatura negra e feminina.

A escolha pela obra ocorreu pelo motivo de ser uma poesia de uma autora negra contemporânea com a peculiaridade de escrever sobre uma literatura periférica. As obras da autora falam sobre temas como identidade, negritude, racismo, machismo, amor, entre outros. Jennyfer vem sendo a porta-voz para as mulheres negras que estão descobrindo a sua identidade como uma mulher negra, estimulando a autoestima de cada uma e principalmente, construindo uma rede de apoio.

Prosseguindo, a segunda obra literária que vamos trazer como forma de comparação é “Negrinha” de Monteiro Lobato (1920). O conto foi publicado em 1920 e por conta disso, vimos potencial em trazê-lo como sugestão porque é uma obra de época diferente, mas que continua evidenciando a discriminação que pessoas negras sofrem. Monteiro Lobato é conhecido por retratar em suas obras o compromisso com o engajamento social, isto é, falava da desigualdade entre brancos e negros, a herança do escravismo, as disfunções que a sociedade trazia, entre outras temáticas. O conto “Negrinha” foi escrito em um livro com título homônimo juntamente com outros contos. Narrado em terceira pessoa, mostra a história de Negrinha, uma menina órfã de sete anos que foi criada por Dona Inácia - uma antiga senhora de escravos e patroa de sua mãe quando esta ainda era viva -. A relação entre as duas é marcada pela violência, medo, e a posição social a que a senhora pertence acaba sendo uma justificativa para todos os maltratos com a menina. No conto, Lobato procura refletir sobre a condição da pessoa negra na sociedade, pouco tempo depois da abolição do regime escravista no Brasil.

Conforme diz Bignotto (2006, s.p.) “Lobato situa a história de Negrinha em um tempo em que a escravidão havia sido abolida por lei – mas leis não têm força para

abolir costumes culturais”. Até mesmo o nome que é atribuído à personagem fala sobre isso, a menina não tinha nome era somente chamada por “Negrinha”. Os negros naquela época possuíam esse tipo de apelido, isto é, uma nomeação para fazer relação à representação da sua raça, mas nunca de fato aos seus verdadeiros nomes, negando dessa forma, sua identidade individual e social.

Para a execução da fase **Expansão**, faremos a comparação entre as obras “Maria”, a tirinha Santos 06 e ao poema Identidade e ao conto “Negrinha” a partir dos seguintes questionamentos como atividade:

a) Quais são os elementos em comum que as obras apresentam? Percebam que em todas as histórias o enredo principal gira em torno de personagens negros e um problema social. Qual é a problemática em comum que estamos tratando?

b) As obras possuem anos diferentes de publicação e também, de contextos históricos, mas como as histórias se relacionam entre si?

c) Dentre as histórias, quais são os sentimentos que são gerados a partir da história? E qual foi o fato que causou essas emoções?

Após os alunos registrarem as suas ideias, e com o auxílio das perguntas que elaboramos para que eles entendam a funcionalidade dessa etapa, vamos solicitar que cada estudante defina em uma palavra um aspecto em comum que percebeu entre as histórias. Não vamos fazer nenhuma recomendação sobre os termos que podem ser falados porque queremos deixar o debate livre para que cada Círculo de Leitura possa construir este momento conforme o desejo de seus participantes e aqui, sendo um trabalho propositivo para o professor, que o professor também se sinta à vontade de como proceder. A justificativa se dá pelo fato de que como já estaremos no final do Círculo de Leitura, os leitores já estão mais seguros quanto às suas interpretações e imaginamos que vão querer fazer mais contribuições.

7.2.1.7 Sétimo Momento: Avaliação

Como a linha de pesquisa deste do trabalho tem como um dos objetivos mostrar como a leitura acontece nos seus usos sociais, vamos trazer como a atividade para o momento final, a sugestão que Cosson (2014) traz nos seus direcionamentos de Círculo de Leitura, para que os alunos organizem por meio de vídeos - os

chamados booktubers² - as impressões e os conhecimentos adquiridos nas leituras das obras através do Círculo de Leitura.

O intuito de trazer um recurso digital para este momento final é porque temos a consciência de que atualmente a sociedade está imersa nos mais variados tipos de tecnologias e que essa é uma realidade que já se encontra na escola por meio de todos os aparelhos tecnológicos dos quais estudantes usufruem até mesmo para as atividades da escola. Então, precisamos usar essas plataformas para garantir ainda mais o estímulo à leitura.

Os alunos devem contar sobre as suas impressões pessoais e também fazer uma síntese de cada obra e todos os estudantes da turma devem compartilhar as produções uns com os outros com o objetivo de trocarem ideias, pontos de vista sobre as obras estudadas.

8.0 Análise das Propostas Didáticas

Ante ao exposto, podemos constatar o quanto a leitura é importante nas nossas vidas e por isso, é de extrema inevitabilidade que o seu ensino na sala de aula seja realizado de modo significativo e que ofereça ao estudante a proficiência para ler os diversos textos que existem na própria sala de aula e principalmente, na vida real, no cotidiano. Ou melhor dizendo, nos usos sociais da escrita.

Ainda sobre a importância da leitura trazemos as palavras do escritor Alberto Manguel (1997, p. 71) quando diz que "Talvez pudesse viver sem escrever, mas não creio que pudesse viver sem ler. Ler - descobri - vem antes de escrever. Uma sociedade pode existir - existem muitas, de fato - sem escrever, mas nenhuma sociedade pode existir sem ler". As palavras do autor provocam muita alegria porque diante de tudo o que já estudamos, conseguimos entender perfeitamente quando Manguel fala que não é possível viver sem a leitura e que o ato de ler vem antes mesmo do escrever. E é exatamente com essa concepção de leitura que desenvolvemos a nossa pesquisa e criamos as propostas de atividades sobre as estratégias de leituras e Círculo de Leitura para que os alunos consigam utilizar a leitura nas suas relações sociais e também na escola, de um modo adequado,

² Cosson (2014, p.79) define os booktubers como uma espécie de passagem de bastão, ou seja, os alunos de uma turma sugerindo para os alunos de outra turma a leitura dos livros que leram no semestre anterior.

consciente e significativo.

A metodologia deste trabalho apresentou as estratégias de leitura como uma ferramenta que auxilia o leitor de maneira consciente e inconsciente para compreender textos através de pistas textuais, hipóteses, inferências, questionamentos, entre outros, e são técnicas que podem ocorrer durante todo o texto: no seu início, meio e fim. Idealizamos o Círculo de Leitura por ser uma prática compartilhada de leitura na qual os leitores debatem e constroem juntos os sentidos do texto e por ser possível aplicar as estratégias de leitura para contribuir na compreensão leitora.

Em relação à literatura afro-brasileira, entendemos o quanto é importante e urgente que os leitores tenham contato com esses tipos de obras ainda na escola. Cabe ressaltar ainda, que as propostas não possuem um cunho só avaliativo, mas que foram desenvolvidas para ocasionar um maior incentivo à leitura e especialmente, para propiciar que os alunos tenham a visão de que as práticas de leitura ocorrem para além da sala de aula - nos seus usos sociais - e especialmente, que pode existir deleite com os textos.

Em suma, esperamos que as duas propostas de atividades elaboradas possam alcançar o maior número de professores possível para que possam fazer a aplicação das atividades contribuindo com o incentivo da leitura e a proficiência de um leitor que seja capaz de compreender de fato tudo aquilo que lê e principalmente, consiga utilizar as estratégias de leitura quando se deparar com algum problema de leitura.

E precisamos ressaltar que alguns momentos das etapas das atividades propostas foram tendo algumas especificidades que se diferenciam do modelo padrão apontado pelos teóricos que trouxemos no trabalho porque quisemos mostrar a característica da leitura de ser flexível na sua prática e isso diz muito sobre como a encontramos nos seus usos sociais e para mostrar que também podemos adaptar as estratégias de leituras de acordo com o nosso objetivo, tipo de texto.

Queremos que cada vez mais os estudantes se sintam proficientes na sua relação com a leitura, sintam o prazer que o ato de ler é capaz de proporcionar e com instrumentos que permitam ao leitor segurança e autonomia para realizar leituras diversas.

9.0 Considerações Finais

Gostaríamos de iniciar este capítulo falando sobre a relevância das pesquisas

que foram desenvolvidas acerca da leitura porque temos a consciência de que toda a discussão a que submetemos este trabalho não se esgota aqui visto a grandiosidade do ensino que precisa ser feito para a leitura nas escolas, como também, no empenho para que as práticas leitoras não fiquem apenas no espaço escolar visto que para viver precisamos ler. Apesar das outras estratégias de leitura além daquelas que foram escolhidas para compor as propostas, esperamos que as estratégias utilizadas e as reflexões aqui iniciadas possam colaborar com a formação acadêmica e pessoal de todos os profissionais da educação e indivíduos que se interessem pelos usos sociais da leitura.

O referencial teórico deste trabalho muito contribuiu para que os objetivos da pesquisa fossem alcançados e também, como base para a elaboração das propostas didáticas que serão destinadas a todas as escolas que quiserem implementá-las. Para os estudos da literatura afro-brasileira, priorizamos autoras negras como Evaristo (2014, 2018), Adichie (2019), Nascimento (2014) porque compreendemos a importância e a grandiosidade de saber a história, suas visões de mundo através de suas próprias vozes. Ao fazer isso, exercemos a comprovação do protagonismo negro. Contemplamos com os estudos de Freire (2003), Martins (1998), Jouve (2002) e Yunes e Souza (2012) sobre as diferentes possibilidades de como a leitura pode acontecer nas nossas vidas e do quanto o seu ensino e a aprendizagem estão estritamente relacionados a esses fatores. Através de Isabel Solé (1998); Girotto e Souza (2010); Rildo Cosson (2009; 2014) vimos o quanto as estratégias de leitura são essenciais para tornar o leitor mais profícuo e também, como isso pode ser aplicado através dos círculos de leitura que tanto contribuem para o incentivo à leitura e também, onde podemos aplicar as estratégias para uma melhor compreensão. Com isso, julgamos que os objetivos de incentivar o ensino da leitura compartilhada, identificar as estratégias de leitura e a sua importância, e é claro, elaborar atividades por meio das estratégias e do Círculo de Leitura foram realizados.

Constatamos que, apesar da grande dificuldade com as práticas leitoras, é possível trabalhar a leitura fazendo uso de ferramentas que fazem parte da rotina dos alunos, incentivar o prazer pela leitura e principalmente, mostrar como as práticas sociais da leitura e da escrita acontecem no dia a dia e de como é possível que esses estudantes também consigam utilizá-las.

E é claro que desejamos que os grandes protagonistas da sala de aula, que são os alunos, possam ser incentivados cada vez mais à leitura, aos estudos das estratégias de leitura para uso em suas práticas leitoras com a finalidade de se

tornarem leitores proficientes dentro e fora de sala de aula.

Acreditamos que umas das grandes motivações desta dissertação foi mostrar o quanto a leitura pode ser prazerosa e ao mesmo tempo uma ferramenta poderosa no combate ao preconceito, mas principalmente, para promover o incentivo à literatura afro-brasileira e a valorização da diversidade cultural. E foi justamente por conta disso, que o nosso trabalho considerou as indicações da leitura de obras de autores negros.

Gostaria de acrescentar que precisamos continuar incluindo autores negros e autoras negras nos currículos escolares, para que os alunos tenham contato com essas leituras ainda no ensino escolar. Como também, no espaço da academia, e é propriamente com este objetivo que almejo continuar desenvolvendo esta pesquisa no doutorado. Precisamos continuar investindo em formação continuada dos nossos profissionais da educação e que prioritariamente, se faz urgente criar novas intervenções que possam ser aplicadas na nossa sociedade.

Particularmente, e falarei em 1ª pessoa, estou muito feliz por poder propor novas contribuições para as práticas de leitura das escolas considerando toda a riqueza que a literatura negra possui. Precisamos falar mais sobre esses autores e sobre as suas vivências, seus sentimentos, sobre toda a sua luta. Pois somente dessa forma, estaremos combatendo todo o tipo de racismo e preconceito. A escola e a universidade precisam ser um lugar para todos. E desejo profundamente que essas atividades propostas alcancem muitas escolas e muitos alunos.

Referências Bibliográficas

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

Alexandre Araújo Bispo. **Mãe Preta**: Memórias e Monumentos Negros. Revista O Menelick 2º Ato, São Paulo, 2011.

ANTUNES, Irlandé. **Aula de Português**: encontro e interação. 1ªed. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico**: o que é, como se faz. São Paulo: Loyola, 2004.

BERND, Zilá. Introdução à literatura negra. São Paulo: Brasiliense, 1988

BIGNOTTO, Cilza Carla. **Duas leituras da infância segundo Monteiro Lobato**. Campinas: IEL/Memória, 2006.

BRASIL. MEC. Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Portal MEC, 2018.
Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/conselho-nacional-de-educacao/base-nacional-comum-curricular-bncc>. Acesso em 20 de abril de 2023.

CAFIERO, Delaine. **Leitura como processo**: caderno do professor. Belo Horizonte: Ceale/FaE/UFMG, 2005.

CARLOS; TAVARES, U. **Antologia da poesia negra brasileira**. [s.l.:s.n].

COSSON, Rildo. **Letramento literário**: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2006b.

COSSON, Rildo. **Letramento Literário** – teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2009.

COSSON, Rildo. **Círculos de Leitura e Letramento Literário**. São Paulo: Contexto, 2014.

DUARTE, Eduardo de Assis. **Literatura afro-brasileira**: um conceito em construção. 2008. in: Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea. núm. 31, pp. 11-23. Universidade de Brasília, Brasil.

EVARISTO, Conceição. **Literatura negra**: uma poética de nossa afro-brasilidade. SCRIPTA, Belo Horizonte, v. 13, n. 25, p. 17-31, 2º sem. 2009

EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água** Rio de Janeiro: Pallas; Fundação Biblioteca Nacional, 2014.

EVARISTO, Conceição. Poemas da recordação e outros movimentos. 3. ed. Rio de Janeiro: Malê, 2018.

FREIRE, Paulo. **A importância do Ato de Ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Autores Associados. Cortez, 1989.

FREIRE, P. **Educação como prática de liberdade**. 20. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

_ A importância do ato de ler. Marisa Lajolo (org.) São Paulo: Moderna, 2003.

GIROTTI, Cyntia; SOUZA, Renata. Estratégias de leitura: para ensinar alunos a compreenderem o que lêem. In: SOUZA, Renata (org.) **Ler e compreender: estratégias de leitura**. Campinas: Mercado de Letras, 2010.

HARVEY, Stephanie; GOUVIS, Anne. **Strategies that work**: teaching comprehension for understanding and engagement. USA: IRA, 2008.

INSTAGRAM. Leandro Assis. Disponível em: https://www.instagram.com/leandro_assis_ilustra/ Acesso em: 25 abril. 2023.

JOUBE, Vincent. **A Leitura**. Tradução: Brigitte Hervor. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

LOBATO, Monteiro. *Negrinha (1920)*. In: REBELO, Marques. **Antologia Escolar Brasileira**, Departamento Nacional de Educação/MEC, 1967, p. 70-74.

KLEIMAN, A. B. 2004. **Oficina de leitura**: teoria e prática. 10 ed. Campinas: Pontes.

_____, A. **Texto e leitor**: aspectos cognitivos da leitura. Campinas: Pontes, 9. ed., 2002.

KOCH, Ingedore Villaça e ELIAS, Vanda Maria. **Ler e Compreender os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2008.

MANGUEL, A. **Uma história da leitura**. Trad. Pedro Maia Soares. São Paulo: Cia Letras, 1997.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. São Paulo: Brasiliense, 1998.

MINAYO, M. C. S. O desafio da pesquisa social. In: Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001. p. 9–29.

NASCIMENTO, Jenyffer Silva do. **Terra Fértil**. São Paulo: Ed. da autora, 2014.

OWOCKI, G. Comprehension: strategic instruction for k-3 students. Portsmouth, NH: Heinemann, 2003.

PEARSON, P. D. ; JOHNSON. D. D. **Teaching reading comprehension**. New York: Holt, Rinehart & Winston, 1978.

SANTOS, Luiz Carlos dos; GALAS, Maria; TAVARES, Ulisses. (Orgs.). **Antologia da Poesia Negra Brasileira: o negro em versos**. São Paulo: Salamandra, 2005.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

SOLÉ, I. **Estratégias de leitura**. Porto Alegre: Artes médicas, 1998.

SOUZA, Rodrigo Matos de. Leitores, Leituras e Círculos: uma perspectiva metodológica. In: **Revista Ponto de Acesso**. Salvador, Vol. 6, nº1, p. 92-107, abril de 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaici/article/view/4897>. Acesso em 20 de abril de 2023.

YUNES, Eliana. Círculos de Leitura teorizando a prática. **Revista Leitura**. Teoria e Prática, Rio de Janeiro, ano XVIII, N.33, p. 17-21, jun., 1999, p.20

Apêndices

Mini biografias

Conceição Evaristo

Conceição Evaristo nasceu numa favela da zona sul de Belo Horizonte. Teve que conciliar os estudos com o trabalho como empregada doméstica, até concluir o curso Normal, em 1971, já aos 25 anos. Mudou-se então para o Rio de Janeiro, onde passou num concurso público para o magistério e estudou Letras na UFRJ.

Na década de 1980, entrou em contato com o Grupo *Quilombhoje*. Estreou na literatura em 1990, com obras publicadas na série *Cadernos Negros*, publicada pela organização. É Mestra em Literatura Brasileira pela PUC-Rio, e Doutora em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense.

Chico César

Nascido Francisco César Gonçalves em 26 de janeiro de 1964, no município de Catolé do Rocha, interior da Paraíba, aos dezesseis anos Chico César foi para a capital João Pessoa, onde se formou em jornalismo pela Universidade Federal da Paraíba, ao mesmo tempo em que participava do grupo Jaguaribe Carne, que fazia poesia de vanguarda.

Pouco depois, aos 21 anos, mudou-se para São Paulo. Trabalhando como jornalista e revisor de textos, aperfeiçoou-se em violão, multiplicou suas composições e começou a formar o seu público. Sua carreira artística tem repercussão internacional. A maioria de suas canções são poesias de alto poder de encanto linguístico.

Jennyfer Nascimento

Jenyffer Nascimento nasceu em 1984, na cidade de Paulista, em Pernambuco. É produtora e apreciadora de arte, frequentadora assídua de saraus nas periferias de São Paulo. O desejo de escrever acontece de forma prematura, ainda na infância em suas viagens literárias. É na adolescência que começa sua escrita com letras de Rap, maneira que encontrou de canalizar suas revoltas, angústias e esperanças.

Júlio Guerra

Júlio Guerra nasceu no dia 20 de janeiro de 1912 em Santo Amaro Foi um grande cultor de sua terra e de sua gente. Algumas de suas obras perpetuam sua obra para a eternidade, para além do tempo e do espaço. Desenvolveu temas monumentais que realçam a identidade nacional. imagens telúricas exaltando sua gente e seus heróis.

Leandro Assis

Leandro Assis é um roteirista e quadrinista brasileiro. Graduou-se em Comunicação Social pela PUC-Rio. A partir de dezembro de 2019, Leandro começou a publicar no Instagram a webcomic *Os Bolsominions*, referência ao termo pejorativo usado para os seguidores do então presidente Jair Bolsonaro. O desenhista publicava algumas charges e tiras críticas ao governo, então resolveu criar a HQ para falar diretamente sobre seus eleitores, focando na classe média alta do Rio de Janeiro e abordando temas como desigualdade social, homofobia e racismo, entre outros.

Pouco depois de publicar a terceira edição de *Os Bolsominions*, a webcomic viralizou e o perfil de Leandro saltou de 3 mil para 450 mil seguidores em pouco mais de um mês. O desenhista, então, conheceu pela internet a escritora Triscila Oliveira que se tornou co roteirista da webcomic, que foi renomeada para *Os Santos* e passou a dar foco à vida de duas famílias: uma de brancos ricos da Zona Sul do Rio de Janeiro e outra de suas empregadas domésticas, mulheres negras da periferia.

Obras

Conto “Maria” de Conceição Evaristo

Maria estava parada há mais de meia hora no ponto de ônibus. Estava cansada de esperar. Se a distância fosse menor, teria ido a pé. Era preciso mesmo ir se acostumando com a caminhada. Os ônibus estavam aumentando tanto! Além do cansaço, a sacola estava pesada. No dia anterior, no domingo, havia tido festa na casa da patroa. Ela levava para casa os restos. O osso do pernil e as frutas que tinham enfeitado a mesa. Ganhara as frutas e uma gorjeta. O osso a patroa ia jogar fora. Estava feliz, apesar do cansaço. A gorjeta chegara numa hora boa. Os dois filhos menores estavam muito gripados. Precisava comprar xarope e aquele remedinho de desentupir o nariz. Daria para comprar também uma lata de Toddy. As frutas estavam ótimas e havia melão. As crianças nunca tinham comido melão. Será que os meninos gostavam de melão?

A palma de umas de suas mãos doía. Tinha sofrido um corte, bem no meio, enquanto cortava o pernil para a patroa. Que coisa! Faca-laser corta até a vida!

Quando o ônibus apontou lá na esquina, Maria abaixou o corpo, pegando a sacola que estava no chão entre as suas pernas. O ônibus não estava cheio, havia lugares. Ela poderia descansar um pouco, cochilar até a hora da descida. Ao entrar, um homem levantou lá de trás, do último banco, fazendo um sinal para o trocador. Passou em silêncio, pagando a passagem dele e de Maria. Ela reconheceu o homem. Quando tempo, que saudades! Como era difícil continuar a vida sem ele. Maria sentou-se na frente. O homem assentou-se ao lado dela. Ela se lembrou do passado. Do homem deitado com ela. Da vida dos dois no barraco. Dos primeiros enjoos. Da barriga enorme que todos diziam gêmeos, e da alegria dele. Que bom! Nasceu! Era um menino! E haveria de se tornar um homem. Maria viu, sem olhar, que era o pai do seu filho. Ele continuava o mesmo. Bonito, grande, o olhar assustado não se fixando em nada e em ninguém. Sentiu uma mágoa imensa. Por que não podia ser de outra forma? Por que não podiam ser felizes? E o menino, Maria? Como vai o menino? cochichou o homem. Sabe que sinto falta de vocês? Tenho um buraco no peito, tamanha a saudade! Tou sozinho! Não arrumei, não quis mais ninguém. Você já teve outros... outros filhos? A mulher baixou os olhos como que pedindo perdão. É. Ela teve mais dois filhos, mas não tinha ninguém também! Homens também? Eles haveriam de ter outra vida. Com eles tudo haveria de ser diferente. Maria, não te esqueci! Tá tudo aqui no buraco do peito...

O homem falava, mas continuava estático, preso, fixo no banco. Cochichava com Maria as palavras, sem, entretanto, virar para o lado dela. Ela sabia o que o homem dizia. Ele estava dizendo de dor, de prazer, de alegria, de filho, de vida, de morte, de despedida. Do buraco-saudade no peito dele... Desta vez ele cochichou um pouquinho mais alto. Ela, ainda sem ouvir direito, adivinhou a fala dele: um abraço, um beijo, um carinho no filho. E logo após, levantou rápido sacando a arma. Outro lá atrás gritou que era um assalto. Maria estava com muito medo. Não dos assaltantes. Não da morte. Sim da vida. Tinha três filhos. O mais velho, com onze anos, era filho daquele homem que estava ali na frente com uma arma na mão. O de lá de trás vinha recolhendo tudo. O motorista seguia a viagem. Havia o silêncio de todos no ônibus. Apenas a voz do outro se ouvia pedindo aos passageiros que entregassem tudo rapidamente. O medo da vida em Maria ia aumentando. Meu Deus, como seria a vida dos seus filhos? Era a primeira vez que ela via um assalto no ônibus. Imaginava o terror das pessoas. O comparsa de seu ex-homem passou por ela e não pediu nada. Se fossem outros os assaltantes? Ela teria para dar uma sacola de frutas, um osso de pernil e uma gorjeta de mil cruzeiros. Não tinha relógio algum no braço. Nas mãos nenhum anel ou aliança. Aliás,

nas mãos tinha sim! Tinha um profundo corte feito com faca-laser que parecia cortar até a vida.

Os assaltantes desceram rápido. Maria olhou saudosa e desesperada para o primeiro. Foi quando uma voz acordou a coragem dos demais. Alguém gritou que aquela puta safada conhecia os assaltantes. Maria assustou-se. Ela não conhecia assaltante algum. Conhecia o pai do seu primeiro filho. Conhecia o homem que tinha sido dela e que ela ainda amava tanto. Ouviu uma voz: Negra safada, vai ver que estava de coleio com os dois. Outra voz ainda lá do fundo do ônibus acrescentou: Calma gente! Se ela estivesse junto com eles, teria descido também. Alguém argumentou que ela não tinha descido só para disfarçar. Estava mesmo com os ladrões. Foi a única a não ser assaltada. Mentira, eu não fui e não sei porquê. Maria olhou na direção de onde vinha a voz e viu um rapazinho negro e magro, com feições de menino e que relembra vagamente o seu filho. A primeira voz, a que acordou a coragem de todos, tornou-se um grito: Aquela puta, aquela negra safada estava com os ladrões! O dono da voz levantou e se encaminhou em direção a Maria. A mulher teve medo e raiva. Que merda! Não conhecia assaltante algum. Não devia satisfação a ninguém. Olha só, a negra ainda é atrevida, disse o homem, lascando um tapa no rosto da mulher. Alguém gritou: Lincha! Lincha! Lincha!... Uns passageiros desceram e outros voaram em direção a Maria. O motorista tinha parado o ônibus para defender a passageira: Calma, pessoal! Que loucura é esta? Eu conheço esta mulher de vista. Todos os dias, mais ou menos neste horário, ela toma o ônibus comigo. Está vindo do trabalho, da luta para sustentar os filhos... Lincha! Lincha! Lincha! Maria punha sangue pela boca, pelo nariz e pelos ouvidos. A sacola havia arrebentado e as frutas rolavam pelo chão. Será que os meninos gostam de melão?

Tudo foi tão rápido, tão breve. Maria tinha saudades do seu ex-homem. Por que estavam fazendo isto com ela? O homem havia segredado um abraço, um beijo, um carinho no filho. Ela precisava chegar em casa para transmitir o recado. Estavam todos armados com facas-laser que cortam até a vida. Quando o ônibus esvaziou, quando chegou a polícia, o corpo da mulher já estava todo dilacerado, todo pisoteado.

Maria queria tanto dizer ao filho que o pai havia mandado um abraço, um beijo, um carinho.

(In: Olhos d'água, p. 39-42).

Identidade de Jenyffer Nascimento

Cansei de ser uma foto 3x4
Acompanhada por uma sequência de dígitos.

Cansei de ser número
No RG, CPF, Título de Eleitor
Passaporte, Carteira de Trabalho.
A burocracia nunca me enxerga como gente.

Eles não sabem da cor azul
Que fui a Bahia e vi Dona Canô na festa de Reis
Que choro quando leio a *Cor Púrpura*
Nem que passo as tardes ouvindo Benito de Paula.

Cansei de ser número
Engrossando as estatísticas
De mãe solteira sem superior completo
De mulher negra que sofreu violência doméstica
Que agora sou parte dos 56% de classe C
Segundo a revista Exame.
Vexame.

As estatísticas não sabem, por isso não divulgam
Ando triste, confusa e ruim da memória.

E no posto de saúde.
Onde sou apenas mais um número no SUS
Não tem psicológicos para sequer uma consulta.
Desconfio que psicológicos devam atender
Apenas números inteiros e não os fracionados como eu.

Preocupa-me
No futuro, tudo ficará mais simples
Seremos como um código de barras
É só passar no leitor e pronto!
Teremos até preço
(a depender da inflação)
Um número com cifrão.

Lamento aos burocratas
Aos analisas organizacionais
Aos pesquisadores e estatísticos
Enquanto houver brilho nos olhos
Não posso, nem quero ser só um número.

(In *Terra fértil*, p. 18)

Mama África de Chico César

Mama África
Chico César

Mama África
A minha mãe
É mãe solteira
E tem que
Fazer mamadeira
Todo dia
Além de trabalhar
Como empacotadeira
Nas Casas Bahia

Mama África
A minha mãe
É mãe solteira
E tem que
Fazer mamadeira
Todo dia
Além de trabalhar
Como empacotadeira
Nas Casas Bahia

Mama África, tem
Tanto o que fazer
Além de cuidar neném
Além de fazer dengüim
Filhinho tem que entender
Mama África vai e vem
Mas não se afasta de você

Mama África
A minha mãe
É mãe solteira
E tem que
Fazer mamadeira
Todo dia
Além de trabalhar
Como empacotadeira
Nas Casas Bahia

Quando Mama sai de casa
Seus filhos de olodunzam
Rola o maior jazz
Mama tem calo nos pés
Mama precisa de paz

Mama não quer brincar mais
Filhinho dá um tempo
É tanto contratempo
No ritmo de vida de mama

Mama África
A minha mãe
É mãe solteira

E tem que
Fazer mamadeira
Todo dia
Além de trabalhar
Como empacotadeira
Nas Casas Bahia

Mama África
A minha mãe
É mãe solteira
E tem que
Fazer mamadeira
Todo dia
Além de trabalhar
Como empacotadeira
Nas Casas Bahia

É do Senegal
Ser negão, Senegal

Deve ser legal
Ser negão, Senegal
Deve ser legal
Ser negão, Senegal
Deve ser legal
Ser negão, Senegal

Mama África
A minha mãe
É mãe solteira
E tem que
Fazer mamadeira
Todo o dia
Além de trabalhar
Como empacotadeira
Nas Casas Bahia

Mama África
A minha mãe
É mãe solteira
E tem que
Fazer mamadeira
Todo o dia
Além de trabalhar
Como empacotadeira
Nas Casas Bahia

Mama África
A minha mãe
Mama África
A minha mãe

Vozes Mulheres de Conceição Evaristo

A voz de minha bisavó
ecoou criança
nos porões do navio.
Ecoou lamentos
de uma infância perdida.

A voz de minha avó
ecoou obediência
aos brancos-donos de tudo.

A voz de minha mãe
ecoou baixinho revolta
no fundo das cozinhas alheias
debaixo das trouxas
roupagens sujas dos brancos
pelo caminho empoeirado
rumo à favela

A minha voz ainda
ecoou versos perplexos
com rimas de sangue e fome.

A voz de minha filha
recolhe todas as nossas vozes
recolhe em si
as vozes mudas caladas
engasgadas nas gargantas.

A voz de minha filha
recolhe em si
a fala e o ato.
O ontem – o hoje – o agora.
Na voz de minha filha
se fará ouvir a ressonância
O eco da vida-liberdade.

(In: Poemas de recordação e outros movimentos, 3.ed., p. 24-25).